



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA E SEUS RUMOS À PROFISSIONALIZAÇÃO:
CAMINHOS QUE SE CONSTROEM**

HELLEN REJANE DOS SANTOS SACRAMENTO

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA E SEUS RUMOS À PROFISSIONALIZAÇÃO:
CAMINHOS QUE SE CONSTROEM**

HELLEN REJANE DOS SANTOS SACRAMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Veleida Anahí da Silva

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2015**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



HELLEN REJANE DOS SANTOS SACRAMENTO

JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA E SEUS RUMOS À PROFISSIONALIZAÇÃO:
CAMINHOS QUE SE CONSTROEM

APROVADA EM: _____.____.____

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Prof. Dra. Veleida Anahí da Silva (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dra. Marlene Alves Dias
(UNIBAN)

Prof. Dra. Maria Inêz Oliveira Araújo
Programa de Pós-Graduação/UFS

Prof. Dr. Bernard Charlot
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS (Suplente)

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2015

Aos meus amados pais, amigos, familiares.

AGRADECIMENTOS

Com imensa gratidão celebro mais um passo e com muita estima, dedico:

Aos meus amados pais Tânia Maria e José Edson, obrigada sempre!

Aos meus irmãos, Cleany, Edlaine e Hélder, nos quais enxergo amor e ternura, fontes de luz e vida.

Aos amigos: José Douglas, Flávia Fonseca, Laís Santana, Diana Viturino, Aline Miguel, Thamisa Rodrigues, Paulo Tássio, Simone Silvestre, Daniele Santana, Ayala Araújo, obrigada.

À minha irmã-amiga Mara Rute Bomfim que de modo leve e profundo admiro e torna minha vida muito mais feliz. A universidade foi ponte entre nós e hoje a vida nos une e fortalece porque juntas somos mais amizade, afeto, companheirismo, lutas.

A Deus que me ampara em suas asas, dá forças e permite que tudo coopere para aqueles que o amam.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação por contribuírem com formação e serem ingredientes de experiência e competência.

À família Bomfim que me acolhe como parte, torceu e contribuiu para essa conquista.

A todos os familiares que sonharam com esse dia muito obrigada!

Aos colegas de mestrado, agradeço as oportunidades de diálogo, trocas generosas e valorosas à formação.

À professora Veleida Anahí da Silva por contribuir para realização desta pesquisa. Obrigada por colaborar com a continuidade do saber científico e orientar que há muito a crescer.

Aos membros da banca, examinadores do trabalho, agradeço cada contribuição.

“Para Ler a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto”(Michel de Certeau).

RESUMO

O trabalho tem como objeto a relação juventude - trabalho - educação. Para tanto, elegeu-se como objetivo geral explorar aspectos ligados à vivência na graduação, e proposições de futuro a partir da experiência pessoal dos investigados nos dois universos eleitos como centro da pesquisa, como os sujeitos constroem uma identidade acadêmica e profissional mediante a relação que estabelecem com esses dois campos, perceber seu movimento, sua experiência no fazer-se pelo trabalho e pelo curso. Essa pesquisa justifica-se pelo interesse de enveredar no ideário de acadêmicas a respeito da graduação e do curso. Para alcançar os objetivos dessa pesquisa foram realizadas entrevistas com seis jovens acadêmicas para compreender essa representação de acordo com o relato das estudantes. São apresentadas perspectivas de formação profissional e 'construção' dos sujeitos como estudantes e trabalhadores baseadas em contribuições de autores como Maria Helena Abramo, Marília Spósito, Machado Pais, Alain Coulon que orientam discussões sobre juventude no Brasil, Portugal e França. Aportes que sinalizam maneiras distintas de identificação, construção e vivências juvenis apreciadas em três capítulos para entender possíveis significados de ser jovem universitário e trabalhador, caminhos traçados que tenham ou não sido planejados no conjunto de experiências a que estão (ou estiveram) sujeitos as jovens investigadas e conforme delineiam em entrevistas. A busca consiste em explorar aspectos ligados à vivência na graduação, e proposições de futuro a partir da experiência pessoal das investigadas nos dois universos eleitos como centro da pesquisa, como os sujeitos constroem uma identidade acadêmica e profissional mediante a relação que estabelecem com esses dois campos, perceber seu movimento, sua experiência no fazer-se pelo trabalho e pelo curso. A exposição da pesquisa dá-se da seguinte forma: O capítulo I volta um olhar para a juventude como construção social, perspectivas em torno da temática, o entendimento de juventude e problematizações que tendencialmente cercam-na, conjecturas pontuadas ao lidarmos com jovens universitários. O capítulo II pontua-se a respeito de lógicas e desafios estabelecidos pelo mercado de trabalho em que pesem ofertas, demandas de empregabilidade e vinculação. O capítulo III traz possíveis reflexões, sobretudo ligadas à carreira acadêmica como provável caminho direcionador à carreira profissional, elementos estruturadores do curso, composição curricular, formação perpetrada como forma de melhor compreender as suas exigências aos estudantes e seu desenrolar na compreensão das falas dos sujeitos. O Curso de Pedagogia surge nas falas como caminho a gerar oportunidades variadas.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Juventude. Perspectivas-profissionais. Construções-Sociais.

ABSTRACT

This work presents analyses which punctuate the relationship-work-education and youth as 'settles' for academics linked to the course of pedagogy of the Universidade Federal de Sergipe (UFS). Vocational perspectives are presented and 'construct' of the subjects as students and workers who is based on contributions from authors such as Maria Helena Abramo, Marília Spósito, Machado Pais, Alain Coulon that guiding discussions about youth in Brazil, Portugal and France. Contributions that signaling distinct ways of identifying, building and youth experiences enjoyed in three chapters to understand possible meanings of being young and industrious, University paths that have been drawn or not have been planned in the set of experiences that are (or have been) subjected the young investigated in these interviews. The search is to explore aspects of living at graduation, and future propositions from personal experience of the investigated in both universes elected as a research center, as the people build their academic and professional identity by establishing relationship with these two fields, realizing their movement, their experience in doing the work and the course. Search exposure is as follows: chapter I is about the youth vis-à-vis social, perspectives around the theme, the understanding of youth and troubles that tend to surround them. Chapter II scores about logical and challenges established by the market despite offers, demands of employability and binding. Chapter III brings possible reflections related to graduation as a likely way to professional career ways, structuring elements of the course of Pedagogy, curriculum, training composition perpetrated as a way to better understand their requirements to the students and their progress in understanding of the language of the subject.

Keywords: Work. Education. Youth. Professional perspectives. Social Constructions.

LISTA DE TABELAS		
Tabela 1	Dados de entrevistada	36
Tabela 2	Dados de entrevistada	46
Tabela 3	Dados de Entrevistada	53
Tabela 4	Dados de Entrevistada	57
Tabela 5	Dados de Entrevistada	60
Tabela 6	Dados de Entrevistada	62

SUMÁRIO

1.		INTRODUÇÃO	09
	1.1	PENSAR O TRABALHO, PENSAR JUVENTUDE (S)	14
	1.1.1	DIFERENTES MARCAS DE JUVENTUDES	16
	1.1.2	PONDERAR SOBRE O TRABALHO	18
	1.1.3	CAMINHOS CONSTRUÍDOS: PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E METODOLÓGICOS	21
	1.1.4	Trilha da investigação	22
	1.2	Pensar vozes: para além do natural	23
	1.2.1	Entrevistas: desvelar códigos	24
	1.2.2	Passos para realização das entrevistas	24
	1.2.3	Formulário	25
	1.2.4	O campo de investigação: o curso de Pedagogia	25
2		DIÁLOGOS SOBRE A RELAÇÃO JUVENTUDE-TRABALHO-EDUCAÇÃO	27
	2.1	O mercado de trabalho	28
	2.2	A vida na universidade: lógicas de um ambiente e o simbolismo de pertencimento	
	2.3	A Sociedade muda e os sujeitos se re (inventam)	31
3.		CRÔNICAS DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL: POSSIBILIDADES DE LEITURA	33
	3.1	ENREDOS DA JOVEM - CLÁUDIA	36
	3.2	ENREDOS DA JOVEM - LAURA	36
	3.3	ENREDOS DA JOVEM - BÁRBARA	46
	3.4	ENREDOS DA JOVEM - JOANA	53
	3.5	ENREDOS DA JOVEM - PAULA	57
	3.6	ENREDOS DA JOVEM - SANDRA	60
		CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
		REFERÊNCIAS	65
		ANEXOS	72

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto a relação juventude – trabalho – educação no âmbito do Ensino Superior. Deste modo, o foco de investigação põe no centro de análise jovens-universitárias e sua relação com o mundo de trabalho, considerando possibilidades de inserção e permanência na universidade.

As sinalizações de Camarano (2006) pontuam que análises sobre juventude esquadrihem diferentes marcas, em que pesem distintas experiências, formas de compreensão e relação com o mundo, de agir na sociedade, evocando encontros e desencontros nas possíveis e díspares juventudes manifestas.

Ordinariamente, a juventude situa-se em uma zona de desconforto: de um lado a percepção de que os problemas sociais atinge-na, de outro a espera que a mesma responda satisfatoriamente à sociedade tanto nas questões políticas e sociais, quantocomo força motriz para o desenvolvimento econômico do país.

Nesse diálogo com o mercado de trabalho, Pais (2003) sugere pontuações sobre as idas e vindas dos jovens em diferentes ocupações e mesmo com as crescentes taxas de escolarizaãooos títulos escolares podem não assegurar ocupações, por outro lado, sua não obtenção possivelmente acarreta uma condição ainda mais excludente.

Nesse sentido, o acesso ao Ensino Superior constitui-se fator fundamental. Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) o acesso ao Ensino Superior têm crescido no Brasil, a tabela abaixo apresenta a evolução de matrículas, nesse nível de ensino entre 2002 e 2011.

ANO	MATRÍCULAS										
	TOTAL	PÚBLICA									PRIVADA
		Total	%	Federal	%	Estadual	%	Municipal	%	Privada	%
2001	3.036.113	944.584	31,1	504.797	16,6	360.537	11,9	79.250	2,6	2.091.529	68,9
2002	3.520.627	1.085.977	30,8	543.598	15,4	437.927	12,4	104.452	3,0	2.434.650	69,2
2003	3.936.933	1.176.174	29,9	583.633	14,8	465.978	11,8	126.563	3,2	2.760.759	70,1
2004	4.223.344	1.214.317	28,8	592.705	14,0	489.529	11,6	132.083	3,1	3.009.027	71,2
2005	4.567.798	1.246.704	27,3	595.327	13,0	514.726	11,3	136.651	3,0	3.321.094	72,7
2006	4.883.852	1.251.365	25,6	607.180	12,4	502.826	10,3	141.359	2,9	3.632.487	74,4
2007	5.250.147	1.335.177	25,4	641.094	12,2	550.089	10,5	143.994	2,7	3.914.970	74,6
2008	5.808.017	1.552.953	26,7	698.319	12,0	710.175	12,2	144.459	2,5	4.255.064	73,3
2009	5.954.021	1.523.864	25,6	839.397	14,1	566.204	9,5	118.263	2,0	4.430.157	74,4
2010	6.379.299	1.643.298	25,8	938.656	14,7	601.112	9,4	103.550	1,6	4.736.001	74,2

Fonte: INEP, 2010.

Cardoso e Sampaio (1987) apontam a mudança de perfil do Ensino Superior público brasileiro que deixa de ser voltado a formar e devolver à sociedade sujeitos oriundos de famílias financeiramente abastadas, e se tornando aos poucos, um espaço mais diverso, de modo a não ser incomum esbarrarmos em universitários trabalhadores.

Diante disso levantou-se a seguinte questão norteada: Quais as perspectivas que jovens universitárias produzem ao apostarem no curso superior acreditando nos possíveis retornos que a realização de um curso possa gerar nos seus projetos de futuro sócio profissionais? Justifica-se no interesse de ‘imiscuir’ na representação do curso de Pedagogia para as jovens envolvidas na análise.

Desta forma, definiu-se como objetivo geral da pesquisa: Analisar as perspectivas das acadêmicas quanto ao ensino superior e seus projetos de futuro sócio profissionais, especificamente no curso de Pedagogia (UFS). E como objetivos específicos: Entender os possíveis e múltiplos significados de ser jovem universitário e trabalhador, caminhos traçados que tenham ou não sido planejados, dúvidas, dificuldades, frustrações, gostos, relações de trabalho, enfim, o conjunto de experiências

a que estão (ou estiveram) sujeitos os atores investigados; Investigar o (s) perfil(s) do estudante universitário em que pesem aspectos socioculturais e as prováveis relações entre os legados escolares, curso escolhido e ocupação profissional; pesquisar as perspectivas dos jovens quanto à formação acadêmica e o mundo do trabalho, bem como o (s) significado (s) que assumem em suas vidas; realizar uma investigação a respeito da construção das trajetórias escolares e acadêmicas dos sujeitos da pesquisa, com atenção a distâncias e aproximações nas experiências de vida e vivências na universidade.

Considerando tal proposta é no cenário social de estudantes e instituição pública de nível superior, Universidade Federal de Sergipe -campus São Cristóvão, que se busca compreender caminhos percorridos à construção do futuro profissional mediante elementos presentes em seus discursos e de seu olhar perante o mundo de trabalho.

Elegeram-se como participantes da pesquisa acadêmicas vinculadas ao curso de Pedagogia, seis jovens no total, cursando a partir do quinto período visto que representa para os estudantes do período diurno 62,50% (sessenta e dois vírgula cinquenta por cento) do curso, e 50% (cinquenta por cento) para os que cursam o noturno.

Para tanto, utilizou-se como técnicas de coleta de dados a entrevista semiestruturada e o questionário, organizado em blocos temáticos que possibilitaram levantamento de dados referentes à família e a própria escolarização. como forma de “maximizar a oportunidade de compreender as diferentes posições tomadas pelos membros de um meio social” (BAUER; GASKELL, 2010, p.69).

Grosso modo, serão apresentadas leituras a respeito da juventude, ponderações sobre a vivência acadêmica, caminhos construídos por diferentes juventudes presentes na universidade.

A voz dos estudantes soa como instrumento categórico para compreensão da relação sujeito-trabalho-universidade, sob um ponto de vista complexo, visto para além das condições de pertencimento social desses atores ponderando as possíveis intercessões sociais a que estão expostos (NORMAN, 2010).

Como seres no mundo estamos sujeitos a influências que regem nossos comportamentos, sugerem escolhas, orientam ações que se chocam ou não com o nosso lugar social, com as experiências originais compartilhadas. Como seres abertos ao mundo podemos viver experiências que contrariam expectativas, e que “burlam” leis de uma realidade.

Autores como Pais(2003) realizam apontamentos que sinalizam uma tendência que corresponde à passagem juvenil em diferentes ocupações e de curto prazo, Camarano (2001) reflete a respeito do que se entende como prolongamento juvenil entendendo mudanças que sugerem o alongamento da juventude ao se pensar expectativa de vida crescente e mudanças que requerem do sujeito formação e consequente enquadramento na vida ativa.

As leituras de Lahire (2002), Certeau (1994) pontuam possibilidades de circulação dos sujeitos perante as condições de oferta, de relação estabelecida com diferentes meios aos quais se vinculam. No caso específico deste trabalho, considera-se, sobretudo o movimento impetrado pelo sujeito ao pensar uma ocupação laboral, a universidade, relações estabelecidas com o meio social.

As contribuições de Bourdieu (2007) dão tônica ao problematizarmos o conceito de habitus e estabelecermos diálogo com os sujeitos da pesquisa. Alain Coulon contribui ao apontar códigos que gerem o universo acadêmico, o ofício do estudante e sua compreensão a respeito de afiliação e a condição de membro do estudante ao pensarmos simbolismo e a permanência no curso.

Trazemos discussões sobre juventude numa dimensão histórica, marcas de diferentes realidades como Brasil, Portugal e França. A fim de compreender possibilidades de diálogo, compreensão e análise de diferentes marcas juvenis.

Ressaltamos que *Lutas simbólicas* são travadas mediante o olhar que o sujeito lança para o que o cerca, na percepção de si e como mapeia estratégias em seu processo de interação social, de choques que podem cercá-lo. Ao procurarmos acompanhar os caminhos trilhados por essas jovens exploramos sua subjetividade e na arte da guerra cotidiana, parafraseando Certeau (1994) apresentam-se interpretações ilusórias de um viver, de fazer-se estudante, jovem, trabalhador dada à pluralidade existente em cada um que ora confirma ou anula crenças e perspectivas.

Apresenta-se, depois desta introdução, o primeiro capítulo intitulado *Pensar o Trabalho, Pensar Juventude (s)* que volta o olhar para a juventude como construção social, perspectivas em torno da temática, o entendimento de juventude e problematizações que tendencialmente cercam-na, conjecturas pontuadas ao lidarmos com jovens universitários. Além de apresentar os procedimentos técnicos e metodológicos da pesquisa.

O segundo capítulo, *Dialogar com as categorias Educação e Trabalho*, pontua as lógicas e desafios estabelecidos pelo mercado de trabalho em que pesem ofertas, demandas de empregabilidade e vinculação.

O terceiro capítulo traz possíveis reflexões, sobretudo ligadas à carreira acadêmica como provável caminho direcionador à carreira profissional, elementos estruturadores do curso, composição curricular, formação perpetrada como forma de melhor compreender as suas exigências aos estudantes e seu desenrolar na compreensão das falas dos sujeitos, finalizando com as considerações finais do estudo.

1. PENSAR O TRABALHO, PENSAR JUVENTUDE(S)

As pesquisas sobre juventude nascem nos primeiros vinte anos do século XX, com trabalhos de natureza acadêmica, desenvolvidos por meio da Sociologia da Juventude, nos Estados Unidos. Esses e outros trabalhos sugerem como de fundamental relevância a consideração de aspectos culturais e históricos ao tratarmos sobre juventudes (CATANI e GILIOLI, 2004).

A denominação juventudes adequação recomendada por vários autores pretende esclarecer modos de diferenciação da categoria, ao mesmo tempo reconhecer certas características como suas através do entendimento social e na análise do jovem sobre si. Para Spósito (2002) a juventude é consequência da sociedade de conhecimento emergente com a sociedade industrial que traz a mudança quanto à sua percepção para além de um estatuto de passagem e revestido de um peso homogêneo. Tem-se o cuidado de referenciar juventudes: “Precisamos falar de juventudes no plural, e não de juventude, no singular, para não esquecer as diferenças e desigualdades que atravessam essa condição” (SPÓSITO, 2002, p.44).

Esses estudos da Sociologia endereçados aos jovens percebem diferentes marcas de transição para o universo adulto, combinadas à autonomia financeira, independência familiar, formação do próprio lar, constituindo um paradigma, segundo o qual, misturam-se a perspectiva de linearidade no curso da vida, e a frágil aparência de uma ordem a priori estabelecida, conforme faixas de idade. Conforme Catani e Gilioli (2004)

Para discutir o que vem a ser juventude é necessário começar desmitificando-a como categoria apenas natural e biológica, quando na verdade ela é, sobretudo, uma *construção social* que varia de acordo com as diferentes culturas e mesmo no interior de cada cultura - e que nem sempre existiu como categoria socialmente visível (CATANI; GILIOLI, 2004, p.13).

Observa-se que, como componentes de diferenciação, as etapas da vida são situadas a partir de distinções também exteriores aos sujeitos, para além de condições de ordem biológica e atreladas aos papéis sociais desempenhados. Prontamente, se tem a

fronteira convencional etária e elementos considerados próprios ou não de determinada etapa.

Grosso modo, por um lado, classificações ou faixas de segmentação social em infância, adolescência, fase adulta e velhice permanecem como referência, por outro lado, não se pode perder de vista a dificuldade em ajustá-las a eventos sociais e/ou estreitá-las quanto ao seu início ou fim (CAMARANO, MELLO, KANSO, 2001).

Deste modo, rearranjos configurados nas relações afetivas, de trabalho e familiares conduzem à observação de etapas não ordenadas e que fogem ou combinam-se à tradição. A complexidade desses arrolamentos estabelece uma teia em que, etapas até então bem demarcadas, já não mais se distinguem tão facilmente e em tempos diferenciados.

A título de exemplo, podemos citar a autonomia em relação ao próprio lar, ao deixar a casa dos pais que aponta independência financeira, adotada socialmente como elemento que baliza a passagem à fase adulta, sobretudo ao tratarmos do sexo masculino que chefia a maioria dos lares.

Ressalta-se que as transições para o universo adulto apresentam variações conforme cultura, sexo, faixa etária, origem social, cor (CAMARANO, 2001, p.181).

Aceita-se a idéia de que vivem um processo de transição e preparação para a vida adulta, como, também, um momento no qual decisões cruciais são tomadas - entre as quais exercem papéis importantes a educação e o início da atividade laboral (CAMARANO, 2001, p.34).

Nesse contexto, a condição estudante-trabalhador caminha *pari passu* e alcança os sujeitos para além da convenção etária, logo se entende a alusão prolongamento juvenil, compreendida por meio de leitura do conceito de juventude em que marcas de transição aparecem combinadas a outros fenômenos. Tal compreensão amplia as considerações sobre diferentes juventudes e sinaliza para uma leitura que contemple tais aspectos.

Quando observadas questões de gênero, em relação à população masculina, os estudos levantados há certo retardamento na saída dos lares e o adiamento no acesso ao mercado. Por outro lado, quando a referência são as mulheres, casamento e maternidade despontam como marcas de transição à fase adulta, embora recentemente, o mercado vá assumindo um lugar de importância nessa transição(CAMARANO, 2001).

1.1 DIFERENTES MARCAS DE JUVENTUDE

Marília Spósito (2010) se reporta aos primeiros estudos sobre jovens brasileiros realizados por Marialice Foracchi (1965; 1972), investigações que trouxeram uma categoria até então marginal, no tocante à atenção, para o centro de análise e que procura atentar para:

Dimensões essenciais que recobrem a vida desses segmentos (...). Na intersecção de agenciamentos diversificados: família, escola, amizades, trabalho, vida no bairro, lazer, entre outros... (p. 100).

Relações estabelecidas que “agenciam” maneiras de pensar escolhas, projetar sonhos, construir perspectivas.

O estudo de Pais (2009) realizado com jovens ciganos exemplifica ritos de iniciação distintos para meninos e meninas que demarcam e constroem papéis sociais diferenciados para homens e mulheres no clã cigano. Às ciganas, cabe uma vida mais reservada ao ambiente doméstico, dedicada à família, aos cuidados do esposo e filhos; seus casamentos costumam acontecer na faixa dos doze aos quinze anos, com maridos escolhidos.

Quanto aos homens, têm uma vida social mais ampla, transitam para além da sua comunidade e costumam desfrutar de experiências que ultrapassam as fronteiras valorativas do clã e do **continuum** social da comunidade cigana.

Entre os ciganos portugueses, a transmissão cultural, via de regra, se encarrega de distribuir o lugar social, construindo por meio de uma lógica de pertencimento, as perspectivas dos sujeitos. O que não anula a existência de interesses dos jovens ciganos que rompem com as gerações anteriores, e que mexem com a ordem social.

Resistências e choques também permeiam as relações, os estudos de Pais (1993) deixam vestígios da dificuldade para uma jovem de alimentar esperanças de futuro diferenciadas das que pregam a sua cultura. Nesse caso pesemos a contracultura escolar em sua vida quando se constroem sonhos que escapam aos “determinismos” sociais e se projetam perspectivas relacionadas a profissões que não são as mais comuns no seio social.

Para entender as diferentes marcas de juventude faz-se necessário, também, discutir acerca das culturas juvenis. Para Catani e Gilioli (2004) essas expressam formas de cultura produzidas pelos jovens através de um balanço de influências sociais legitimadas pelas instituições sociais e como os jovens as assumem particularmente e produzem novas formas de socialização.

Do ponto de vista da cultura as representações da juventude são mais facilmente aceitas, quando se trata de consumo. Por esse viés, os jovens são alvo de apelos da indústria que firma diferenças e seleciona consumidores pelo poder ou não de compra, tal qual se percebe pelos espaços de circulação juvenil que basicamente assume o perfil do sujeito gerando oportunidades de consumo diferenciadas.

Por outro lado, é importante pensar os diferentes modos de expressão da (s) juventude desenvolvidos para além das ofertas da indústria cultural (CATANI, 2004), uma vez que assumem papel importante as criações culturais geradas pelos jovens a exemplo do rap ou funk que endossam sua percepção sobre a realidade dando voz aos seus apelos, necessidades e modos de vida.

O universo da música tem se configurado como espaço de criação e apropriação uma vez que a indústria, a partir dos anos 1970, ampliou a oferta de tecnologia tornando-a mais acessível ao consumo de produtos dessa ordem e nesse campo, existem aqueles que procuram através dele, formas de manifestação e\ou renda.

Autores como Pais e Almeida (2012) refletem sobre a profissionalização juvenil através hip-hop que embora contrarie a lógica de des (profissionalização) do segmento vem reassumindo novos arranjos que envolvem a possibilidade de ganho financeiro e de ensaios de uma carreira profissional, mesmo com o risco de instabilidade.

Diferentes grupos formados a partir de afinidades musicais e vestuário que atribuem marcas de apropriação ou criação que são importantes para enveredar em seu mundo. “Assim, os estilos funcionariam como um rito de passagem para se construir identidades juvenis” (CATANI e GILIOLI, 2004, p.27).

Segundo Pais (2003), o sujeito reconhece a tradição e por isso, caminha seguindo o rol de referência social estabelecido, dado aos seus artifícios de criação que reelaboram a passagem à vida ativa, traduzindo-se em modelos bem variáveis e que por isso, desenvolvem uma **cultura performativa** segundo a qual reorganizam a tradição.

Visto nas apostas e buscas diversas efetivadas pela juventude que provocam desdobramentos e práticas para além das convencionais, estabelecendo diálogo com as também diferentes formas de transição juvenil.

Algumas perspectivas visualizam transições juvenis atreladas aos contextos nos quais se desenvolvem, destacando “a passagem do mundo da formação para o mundo do trabalho”. Para Redondo (2000 apud ABRAMO, 2005) a transição juvenil não se resume à passagem para o universo adulto; mudanças provocadas pelo prolongamento da condição de estudante e retardo na inserção no mercado de trabalho, apontam para percursos juvenis de um novo tipo, que estabelecem relação entre a individualidade do sujeito e o contexto social no qual se produz.

As abordagens que examinam a passagem à vida do ponto de vista da inserção profissional com frequência associam as expectativas em torno do ingresso no trabalho a um outro tipo de evento da trajetória individual: o fim da formação escolar, com a aquisição das credenciais e de uma formação que funcionem como passaporte para obtenção da ocupação (GUIMARÃES, 2006, p.172).

No entanto, observa-se uma diferenciação entre a inserção profissional de jovens de camadas sociais mais valorizadas daqueles oriundos das classes populares.

1.2 PONDERAR SOBRE O TRABALHO

De acordo com Frigotto (2004), cresceu o envolvimento de jovens das classes trabalhadoras em diferentes atividades e em situações precarizadas que ocupam boa parte de seu tempo em decorrência da organização do trabalho que impõe condições instáveis ao trabalhador, mediante contratos de curto prazo e/ou que podem ser rompidos a qualquer tempo.

Nesse contexto, o próprio conceito trabalho é posto em discussão, Pais (2003), assume ganchos, tachos e biscates para referendar a flexibilidade e dinâmica de transição a que os jovens se submetem a fim de uma ocupação laboral. O que se vê de um lado são mudanças que ora refletem uma possível redução nas jornadas de trabalho, e que de outro reduzem possibilidades de estabilidade e/ou segurança.

Como a situação contratual é instável e não se tem a certeza da permanência na condição de empregado, os filhos das classes trabalhadoras, como meio de contribuir com o orçamento familiar, são “fiscados” como força de trabalho e tornam-se os próximos vulneráveis, pois, conforme Pochmann (2004 apud FRIGOTTO, 2004, p. 198), “os empregos que se criam no Brasil são, na maioria, os mais desqualificados na divisão internacional do trabalho e com baixa remuneração”.

Um fator que contribui para utilização indevida da mão de obra de jovens é a “jovialidade” de leis que asseguram direitos a essa parcela da população, caso da Constituição Federativa do Brasil (1988) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). A existência de direitos legais não impede o processo de precarização da mão de obra jovem, especialmente a dos jovens pobres, que tendem a ingressar precocemente no mercado o que contribui para ampliar e intensificar a situação de exploração (FRIGOTTO, 2004).

Dessa forma, levando-se em consideração os fatores - grau de escolaridade e a lógica do mercado que reserva os melhores postos de trabalho aos mais escolarizados segue o resultado: quanto menor a escolaridade menor também é chance de ascender socialmente, via educação(PASTORE, *apud* BARBOSA, 2007).

Entretanto, são muitos os fatores que podem interferir nos destinos escolares, e parece existir uma correlação entre a escolaridade dos pais e a entrada dos filhos no mercado de trabalho. A média de anos de estudo entre os filhos de pais que possuem o nível fundamental é de 4,8 anos a menos, se comparado com os que possuem o nível superior. Acrescido a isso, observa-se que as ocupações laborais variam conforme o tempo de permanência na escola.

Conseqüentemente, e de maneira geral, as projeções de futuro podem ser construídas tendo por base a aquisição de saberes transferidos pela escola, instituição essa que também interfere no destino social dos sujeitos. Todavia, outros fatores são capazes de influenciar os percursos escolares, como expõe Bourdieu (1986, *apud* NOGUEIRA, 1998).

Assim como jovens de camadas sociais mais valorizadas apresentam certas características que os distinguem de outros grupos, os filhos das classes populares parecem pertencer a famílias que apresentam diferenciais em relação a outras do mesmo grupo.

De acordo com Szapiro e Rezende (2010), as transformações ocorridas nas três últimas décadas do século XX geraram um perfil de homem próprio para o tipo de sociedade então emergente. E com ela, a “crença” de que o mercado funciona de acordo com o regimento de suas próprias leis, de maneira que o sujeito depende de si mesmo e de sua liberdade relativa.

Para aqueles cujo sustento não depende de si mesmo, existem maiores possibilidades de realizar apostas, enquanto para o jovem que não estuda e financeiramente dependente, as ações tendem a ser dirigidas. Nos casos em que

trabalhar é uma necessidade, o elo jovem-família é o trabalho. Assim, a possibilidade de realizar escolhas possivelmente é obstaculizada pela origem social, sendo que a situação do grupo antecede as decisões (AUGUSTO, 2005).

No entanto, o conhecimento revela-se como pré-requisito necessário para ocupação no mercado, ao mesmo tempo, crescem as exigências de qualificação e afloram-se as disputas por um espaço na vida produtiva (POCHMANN, 2004).

Segundo Castells (2001, apud ABRAMO 2005) as transformações ocorridas com a passagem da sociedade industrial para a sociedade informacional ou de conhecimento, provocaram mudanças que tem influenciado o modo de vida das pessoas e o funcionamento da sociedade.

Considerando essa ótica, o quadro de redução dos postos de trabalho e a flexibilização das formas de contratação da mão de obra, sustenta a tese de que a educação seria responsável por permitir aos indivíduos a superação dessas adversidades, atendendo às demandas do mundo do trabalho quanto ao nível de escolaridade exigido e aquisição de perfil demandado.

Essa expectativa recai sobre a obtenção do nível superior a partir do qual se teriam ampliadas as oportunidades de acesso ao mercado de trabalho (BRITTO, et al., 2008).

Conforme Nogueira, Romanelli e Catani (2007), fatores extraescolares permeiam as trajetórias escolares correlativos às transformações ocorridas no mercado de trabalho, cada vez mais exigente. Coerentemente visando atender às requisições de maior escolaridade e classificação de mercado, a população procura na escola instrução e através dela, oportunidade de acesso ao mercado.

Conforme Pochmann (2004), a sociedade do conhecimento traz novas exigências para a educação e para formação profissional de modo a prescrever que a escolarização dê-se continuamente.

Suscita-se, de acordo com o exposto por Pochmann (2004), o compromisso da educação como veículo responsável pelo atendimento às demandas do trabalho, a partir da disposição de perfis prontos a atender às expectativas de domínio e polivalência. Isto é, a escolarização configura-se como condição indispensável para concorrer a vagas no mercado de trabalho, embora não assevere ocupações (LARANJEIRAS et al., 2007).

No entanto, diferentemente de outros tempos em que ocorria a distinção entre fase de preparação e exercício de uma atividade profissional; atualmente, a vida ativa exige que formação e labor caminhem paralelamente. Contraditoriamente, a

versatilidade do mundo do trabalho impele o jovem a estender o tempo voltado à formação para que se encaixe na sociedade do conhecimento (POCHMANN,2004).

Nesse sentido, o interesse em estudar a relação juventude, trabalho e educação move-se pelo desejo de analisar as perspectivas que os jovens produzem ao apostarem no curso superior acreditando nos possíveis retornos que a realização de um curso possa gerar nos seus projetos de futuro sócio profissionais.

Busca-se enveredar pelos caminhos em que juventude, trabalho e educação cruzam-se, e nessa perspectiva a pesquisa realiza um trabalho investigativo com jovens universitárias da UFS, procurando compreender a relação juventude-trabalho-educação partindo de três eixos: 1) Relação com o mercado de trabalho antes da entrada na Universidade; 2) A vida na Universidade e a permanência na Instituição: A Assistência Estudantil e 3) Percepções sobre o mercado de trabalho após a formação universitária. O tópico seguinte apresenta os caminhos que levaram a realização desta pesquisa.

1.3 CAMINHOS CONSTRUÍDOS: PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E METODOLÓGICOS

Como a referida investigação permeia análises de grupos sociais é oportuno dialogar com Thompson (1981):

Já não podemos ver as formações sociais como ‘efeitos de sociedade’ ou como ‘formas desenvolvidas’ de modo imanente [...] a questão da significação a ser atribuída à correspondência é a ainda mais difícil, pois a noção idealista começa com a proposição de que ‘o econômico’ é (em última instância, etc) determinante e em seguinte pula, de mãos dadas com seu gêmeo, ‘o economicismo’ vulgar, para a velha e boa suposição utilitária de que ele é, portanto, de alguma forma mais ‘real’ sob todos os aspectos (THOMPSON, 1981, p.177).

Nesse sentido, Thompson (1981) parece alertar para a complexidade própria do ser social e a história construída pelo sujeito. Grosso modo, o aspecto econômico não se constitui como único fator na compreensão da “agência humana”. Ainda de acordo com Thompson (1981):

Os valores, tanto quanto as necessidades materiais, serão sempre um terreno de *contradição*, de luta entre valores e visões-de-vida alternativos. Se dizemos que os valores são aprendidos na experiência vivida e estão sujeitos às suas determinações, não precisamos, por

isso, render-nos a um relativismo moral ou cultural (THOMPSON, 1981, p.194).

Mergulhar nos conflitos, investigar as contradições, interesses e escolhas dos sujeitos, mediante análises que desaprisionem esses mesmos sujeitos dos “condicionantes sociais”, procurando dar curso à investigação em meio aos conflitos que os cercam.

1.3.1 Trilha de investigação

O trabalho envereda no universo de jovens vinculados ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, tomando frente à investigação estudantes que desenvolvem atividades de trabalho vinculadas ou não à formação, entendendo-o como atividade que gere renda.

Nossa busca consiste em explorar aspectos ligados à vivência no curso, à carreira, expectativas, construção dos sujeitos como universitários, e de como um conjunto de experiências sociais engendram nos sujeitos possíveis caminhos e geram proposições de futuro.

Teorizamos sobre a experiência pessoal dos investigados com o seu curso e com o trabalho, como os sujeitos constroem uma identidade acadêmica e profissional.

Sendo a compreensão do fazer-se cotidiano do estudante-trabalhador tomada como atuação política, segundo a qual o jovem desenvolve estratégias de permanência em sincronia com determinados interesses. Como nos diz Martinelli (1999):

Visualização da experiência social dos sujeitos como cultura, como construção histórica de seu viver, mediada por significados atribuídos; experiência visualizada na dupla dimensão, que é de construção da luta e da própria identidade que se expressa como valores, imagens, sentimentos, aspirações, projetos, crenças, arte, trabalho, regras visíveis e invisíveis de regulação social (MARTINELLI, 1999, p.125).

A trilha de investigação privilegia desenhos de significação construídos quando se pensa o curso e a carreira profissional sendo o diálogo o canal que dá substância à lógica compreensiva. E como tal, a entrevista semiestruturada assume corpo e voz nas interpretações. Gaskell (2004) sugere uma compreensão que atente aos elementos

sociais que cercam os sujeitos impetrando condições prováveis de vida e como a essas respondem. “O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (p.65).

As entrevistas qualitativas apresentam versões de vida cuja relação com o curso superior é duradoura, uma vez que os interlocutores situam-se a partir do quinto período, o que representa para os estudantes do período diurno 62,50% (sessenta e dois vírgula cinquenta por cento) do curso, e 50% (cinquenta por cento) para os que cursam o noturno.

A realização da entrevista contou com um roteiro pré-definido, através do qual foram exploradas informações da vida pessoal, escolar e acadêmica, conforme a seguinte estruturação:

a) Bloco I - *Dados pessoais e família* - Investigamos proveniência social, caminho escolar, questões do ensino médio e ingresso na universidade.

b) Bloco II - *Curso de pedagogia: universo simbólico* - Exploramos pontos relacionados à universidade, experiência acadêmica, abordagem das vivências no ensino superior e sua articulação com propósitos vindouros.

c) Bloco III - *Universo Laboral - Significantes e significados*: Temos lógicas de compreensão relacionadas ao trabalho na vida do jovem.

O contato com os jovens ocorreu no próprio campus da universidade, em São Cristóvão, o tempo de realização das entrevistas assumiu a média de uma hora e vinte minutos e para o seu cumprimento informamos aos jovens propósitos quanto à realização e pedimos consentimento para seu uso, com salvaguarda de seus verdadeiros nomes.

1.3.2 Pensar vozes: para além do natural

Numa tradução de pensamento de Marx, Pádua (1996) pondera sobre análises que tratam de fenômenos humanos, tal qual o nosso caso e a busca para encontrar respostas que expliquem a marcha dos sujeitos no mundo. Segundo o autor, procuramos superar o “real aparente” para avançarmos ao encontro do “real concreto”. Isso por que:

A ciência é ao mesmo tempo a revelação do mundo e a revelação do homem como ser social, levando em conta o papel da cultura e do trabalho, que, em cada momento histórico, apresentam a possibilidade de expansão e aquisição de conhecimentos, pretendendo ultrapassar o nível da “descrição” dos fenômenos isolados, para chegar a sentenças explicativas; estas sínteses, por sua vez, sugerem novas relações, novas buscas, novas sínteses, que realimentam o processo de conhecimento (PÁDUA, 1996, p.22).

Nosso propósito é imiscuir numa realidade dada como natural e traduzir o que ali se esconde, sugerir interpretações, conjecturar possíveis leituras.

1.3.3 Entrevistas: Desvelamento de Códigos

Adotamos a seguinte maneira de elaboração de análise de dados, de acordo com Marconi e Lakatos (2010):

- a) Seleção - Averiguação de material coletado e sucessiva escolha de conteúdo a explorar.
- b) Codificação - Diálogo com os dados. Interposição quantitativa e classificatória, tendo em vista, pontos de comunhão e/ou dissociação de opiniões.
- c) Tabulação - Disposição dos achados em tabela, síntese numérica de elementos associáveis ou não.
- d) Análise - Estabelecimento de pontos de encontro e\ou desencontro observados nas questões suscitadas e pontos de vista analisados.
- e) Interpretação - Interlocação com versões teóricas adotadas, diálogo com os autores.
- f) Explicação - Indicações de pressupostos que sugerem determinadas interpretações.
- g) Especificação - Descrição de elementos que sugerem possíveis compreensões.

1.3.4 Passos para realização das entrevistas

- a) Primeiro contato - Explicação referente à natureza da pesquisa, objetivos e expectativas relevantes ao tema.
- b) Perguntas - Previamente formuladas e dirigidas conforme blocos de investigação. Sendo que questões outras permeiam o diálogo, em conformidade com o enredo do entrevistado.
- c) Respostas - Gravadas de acordo com o consentimento dos estudantes e salvaguarda de sigilo, traduzidas fidedignamente, sendo fictícios os nomes utilizados na pesquisa.

d) Finalização - Estabelecimento de compromisso de devolução das informações coletadas aos participantes.

1.3.5 Formulário

Acoplado às perguntas realizadas aos estudantes, inserimos um curto formulário a fim de colher informações referentes à família, à escolaridade e profissão dos pais dos jovens.

DIÁLOGOS SOBRE A RELAÇÃO JUVENTUDE- TRABALHO E EDUCAÇÃO

Nas palavras de Thompson (1981), o ser social reage à consciência social, assim como esta também interfere nas experiências do ser social. Nesta perspectiva, busca-se analisar a abordagem trabalho\educação adotada por Góis (2005), as quais são entendidas como processos históricos. Visto dessa forma, como os sujeitos reagem à dinâmica social que põe em movimento a educação e o trabalho?

Inicialmente Góis (2005), expõe que as mudanças ocorridas no sistema capitalista de produção, nas últimas décadas, são o eixo norteador para a compreensão das duas categorias analisadas. E para a realização da abordagem, se reporta às relações produzidas nas sociedades primitivas, na antiguidade, idade média até a emergência do capitalismo.

Reflete que com o novo modo de produção capitalista têm-se duas classes: burguesia e proletariado e inaugura-se um novo tipo de relação que posiciona de um lado os detentores dos meios de produção e do outro, os que vendem a sua mão de obra e alienam-se no tocante à produção.

Por outro lado, a educação é entendida sob duas dimensões: educação escolar - inicialmente voltada para os sujeitos que vivem do ócio e educação geral para os que se educam no próprio processo de trabalho. Todavia, com a expansão do ensino às massas, a escola como aparelho ideológico do estado, defende a hegemonia de determinados grupos (Góis, 2005, p.33).

Em seu trabalho, Góis (2005) remonta o percurso histórico da relação trabalho e educação, como um retorno às origens. De acordo com o Thompson (1981), “nesse tipo de estudo a história é um processo contínuo que objetiva um fim previamente definido” (Góis, 2005, p.66). Nesse caso, ao que parece, a história determinada pela eterna luta de classes.

Sustenta-se a tese de que para o atendimento do quadro de redução dos postos de trabalho e da flexibilização das formas de contratação da mão de obra, a educação seja responsável em permitir aos sujeitos a superação dessas adversidades, atendendo as demandas do mundo do trabalho quanto ao nível de escolaridade exigido e aquisição do perfil demandado. Essa perspectiva recai sobre o nível superior, mediante o qual, se têm, ao menos em teoria, ampliadas as oportunidades de acesso ao mercado de trabalho.

O conhecimento revela-se como pré-requisito para ocupação no mercado, crescem as exigências por qualificação e são essas que impulsionam os trabalhadores para a universidade. Diferente de outros tempos em que ocorria a distinção entre a fase de preparação e do exercício de uma atividade profissional, atualmente, a vida ativa exige que formação e labor caminhem paralelamente. Cabe pensar como explorar as dimensões educação\trabalho numa perspectiva que põe em diálogo a voz dos sujeitos e o contexto social em que se inserem.

Com o cuidado de citarmos jovens, entendendo-os como plurais, tendo em vista, suas e diversas experiências como atores sociais que suscitam leituras e compreensões também distintas.

2.1.O MERCADO DE TRABALHO

Reconhece-se a entrada no mercado de trabalho como fenômeno importante na compreensão da juventude por também possibilitar a ocorrência de fenômenos outros associados à fase adulta em que se desenha ou ao menos se planeja um futuro profissional, e, para o qual podem ocorrer diferentes investidas, variáveis, conforme possibilidades distintas.

Além de o sentido de responsabilidade ser uma referência comum associada ao trabalho este pode assumir diferentes premissas para o jovem (PAIS, 2003). Para o autor, os sujeitos encaram ou avaliam as suas chances de lidar com as oscilações do mercado positiva ou negativamente, de acordo com as possibilidades de sucesso que julgam possuir.

De acordo com Pais (2003), o mercado oferece ao jovem, condições pouco confortáveis de inserção e permanência, e essa imprevisibilidade também sugere rumos incertos. Entre expectativas dos sujeitos e ofertas do mundo de trabalho tem-se por parte deste, fomento ao trânsito em diferentes ocupações e responsabilidade para aventurar-se nas oportunidades que surgem.

Hoje em dia não mais as decisões do condutor [...] garante de uma condução com destino certo ou rotas pré-determinadas. E isto porque o terreno onde as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica (PAIS, 2003, p. 13).

O autor sinaliza para possíveis dificuldades enfrentadas pelo jovem em seu movimento no mercado de trabalho, o mesmo também é exposto por Novaes (2008) ao observar ocupação, salários, condições de trabalho que costumam destinar à juventude postos considerados marginais.

Isto posto, ainda que a escolaridade de gerações mais jovens seja superior a de precedentes, como a dos pais, parece não assegurar melhores ofertas no mundo do trabalho, o que conseqüentemente impossibilita a separação da família de origem em termos econômicos (POCHMANN, 2004) corroborando a tese segundo a qual a juventude parece alongar-se (CAMARANO, 2001).

Investigando experiências de jovens portugueses, Pais (2003) nota que a formação profissional pode não ser um elemento diferencial capaz de evitar o desemprego ou de gerar melhores oportunidades de ocupação. Desse modo, o ingresso na vida ativa costuma ocorrer como “ensaios” que podem ser vários e em colocações precárias.

De todo modo, quando se pensa as possíveis razões para a inserção no mundo do trabalho toma-se como referência: satisfação, polivalência, experiências variadas, principalmente sendo que estas últimas conforme Guimarães (2008) encerram uma **nova ética** que fomenta uma pluralidade de conotações referendadas ao trabalho.

Uma situação de insegurança ocupacional, por um lado, e a perda de significação subjetiva, por outro. Para os jovens, o significado do trabalho seria não apenas distinto daquele que lhe outorgaram as gerações já maduras, socializadas sob a ética do trabalho, mas ocuparia um porvir em que a estetização do trabalho daria o tom à orientação das condutas na vida ocupacional, servindo de métrica para a valorização das atividades laborais (GUIMARÃES, 2008, p.157).

O eterno recomeço em carreiras transitórias, “de passagem”, tudo pode ser novo de novo com a conquista de um novo emprego, a realização de um novo curso, uma nova carreira quando simultânea e paradoxalmente questiona-se o valor dos diplomas que nem sempre conferem um ofício compatível à escolarização (NOVAES, 2008, p.108).

Portanto, os estudos podem não assegurar grandes oportunidades de inserção na vida produtiva, assim como não afiançarem a construção de vínculos laborais ou

que indiquem uma transição a novas oportunidades, todavia, não obtê-los pode fragilizar ainda mais uma condição.

Fatores como aumento da escolarização e dificuldades de inserção profissional explicam a dificuldade para que se compreenda a fase adulta, uma vez que, essas fronteiras de transição tornam-se cada vez mais difíceis de serem superadas. Até que isso ocorra vive-se o que entendemos como juventude (CAMARANO, 2001), etapa em que escolhas e decisões são tomadas, entre elas, optar por uma profissão - elemento chave para que se entendam as trajetórias juvenis.

2.2 A VIDA NA UNIVERSIDADE: LÓGICAS DE UM AMBIENTE E O SIMBOLISMO DE PERTENCIMENTO

Consideramos a entrada na vida universitária como um dos fenômenos que afetam a vida do jovem, sendo a construção da carreira acadêmica um dos pré-requisitos necessários à sociedade do conhecimento, quando se pensa cada vez mais a importância dos títulos escolares, e em exigências postas para o enquadramento na vida ativa.

É importante compreender o próprio trânsito na vida universitária para análise de como o jovem gerencia a condição como estudante-trabalhador. Coulon (2008) ao tratar sobre a vida universitária sugere que o domínio de regras e a vivência de **diferentes tempos** na universidade conferem ao sujeito a qualidade de membro no ambiente acadêmico.

As hipóteses do autor nos ajudam a perceber como os ritmos empreendidos pela academia no sentido de organização, exigências mediante diretrizes estabelecidas para cada curso afetam a condição de estudante e de como nossos investigados constroem suas trajetórias e ensaiam ou vivem, a depender dos caminhos seguidos-

Aprender a **tornar-se** estudante é uma condição abonada aos ingressantes no ensino superior (COULON, 2008) o que significa, para o autor, o domínio de regras e a passagem pelos tempos de estranhamento, aprendizagem e afiliação pelos estudantes. A incorporação de valores que circundam a universidade e o enfrentamento de dilemas postos desde o limiar dos percursos acadêmicos atribuem ou não o status de afiliado ao universitário.

O ingresso na universidade marca para os trabalhadores, uma ruptura com o 'previsível' com o 'domínio do trabalho', a que eles

estão habituados: são os reencontros com as ‘filas intermináveis’ com a ‘trapaça’, as ‘informações duvidosas’. É preciso igualmente encontrar no trabalho fatias de horários para poder frequentar as aulas, impor esses horários no emprego ou começar a trabalhar em meio período (COULON, 2008, p.146).

Conforme os juízos de Coulon (2008) é conveniente ponderar sobre a conciliação trabalho-estudo, pois ao mesmo tempo em que a atividade profissional pode assumir seu lugar de importância na constituição da carreira acadêmica, para esse próprio desenrolar pode configurar-se como entrave nas exigências requeridas no exercício da formação.

Enveredamos nas feições sociais e culturais que esses ramos assumem para os sujeitos, visto que “as estruturas de consciência dos indivíduos se encontram influenciadas por representações que são mais que meras representações de subjetividade” (PAIS, 2003, p.99). Como narram as suas crônicas? “o ideal para muitos jovens, é explorar simultaneamente vários rumos possíveis que num labirinto surgem em simultâneo a quem com eles se confronta (p.14)”. Para Spósito (2003) os julgamentos dos jovens sobre as próprias situações de vida contribuem na construção de um **imaginário social**, foco de nossa investigação.

Segundo Coulon (2008) para melhor compreender a experiência universitária devemos pensar o domínio de *códigos* que perfazem o campo acadêmico e que funcionam como **capitais** a adquirir, elementos simbólicos constituídos em regras e no **fazer-se** estudante.

O estudante em seu processo de desvelamento da universidade e do curso a que se vincula tem a tarefa de tornar-se um profissional, o que significa dominar os jargões próprios do ambiente, entender o currículo, respeitar condições pré-estabelecidas que impeçam barreiras em sua trajetória. Tal compreensão caminha em sintonia com condições específicas de cada curso, e na maneira como o estudante se porta ao combinar trabalho e educação.

A afiliação ao curso, à universidade, os projetos desenhados ligam-se à percepção que o sujeito tem de si, de como avalia o seu desempenho acadêmico, e como capta as requisições postas pelo mercado e que o conduzem a realizar determinadas escolhas em detrimento de outras.

Se afiliar, é então naturalizar, incorporando as práticas e os fundamentos universitários para se tornar um membro competente

da comunidade é forjar para si um *habitus* de estudante, constituído no momento em que as rotinas e os *allants de soideixam* para trás a sensação de estranhamento e desorientação que experimentam os estudantes iniciantes (COULON, 2008, p.120).

As ideias do autor sinalizam para a consideração de que um maior tempo de permanência no curso e de experiência na universidade “delegam” ao estudante à condição de membro.

2.3 A SOCIEDADE MUDA E OS SUJEITOS SE RE (INVENTAM)

A universidade pública brasileira tem passado por intensas transformações. Cardoso e Sampaio (1987) chamam atenção para a sua diversidade, tendo em vista a expansão de matrículas que contribuem para a formação de uma clientela bem mais heterogênea e traduzem situações há alguns anos excludentes como “trabalho” e “formação superior” podem caminhar *pari passu* e em relação de complementaridade.

Dito de outro modo, mudanças que trouxeram à universidade a possibilidade de maior variedade de público carregaram consigo um perfil cada vez mais presente nesse espaço, o de estudantes-trabalhadores. Nesses casos, discute-se o **lugardo** trabalho para os sujeitos que vivem essa dupla condição e **contornostambém** diferenciados, sem perder de vista, a observância de fatores que impelem ao mercado de trabalho, as requisições dos cursos, motivações de ordem financeira e flexibilidade das carreiras.

Nesse íterim, faz-se necessário olhar esses estudantes-trabalhadores de forma desvinculada a determinismos e que conseqüentemente atente as suas possibilidades de vivência, contemplando o seu envolvimento em diversos âmbitos sociais.

Considerar o que torna esses atores plurais em suas escolhas e situações de vida, confrontá-los quanto às próprias experiências tendo em vista à exposição a distintos espaços de socialização como família, escola, grupo religioso. Diferentes universos que se encontram ou se distanciam (LAHIRE, 2002).

Uma reflexão, segundo a qual os sujeitos movimentam-se para além de um determinado campo, em intercâmbios vários que legam valores sejam eles próprios ou não do meio social de origem. Conforme Lahire (2002, p.35) “Não se pode reduzir os atores ao seu *habitus* de campo na medida em que suas experiências vão além daquelas que podem viver no âmbito de um campo (sobretudo quando estão fora do campo!)”.

Para Bourdieu (2009) os agentes sociais compreendem a realidade mediante as janelas de seu lugar social. Prontamente, criam perspectivas e se reconhecem no mundo a partir de ‘alcances’ do (s) meio (s), a suas versões de vida. E, mesmo quando se pensa o antagonismo de opiniões, saltam os campos de **distinção** de diversas ordens geradas a partir de forças que podem ser culturais, econômicas, étnicas ou religiosas (BOURDIEU, 2009). De acordo com o autor:

É porque as disposições dos agentes, o seu *habitus*, isto é, as estruturas mentais através das quais eles apreendem o mundo social, são em essência produto da interiorização das estruturas do mundo social (BOURDIEU, 2009, p.158).

É importante pensar sobre esses diversos campos de influência que sugerem disposições aos sujeitos. Tais campos são como coações estruturais que funcionam semelhante organizações disciplinadoras ao ator e o modela a partir de um determinado viés.

Assim se opera a legitimidade social, mas não de forma objetivamente estabelecida e prontamente posta a moldar. Para Bourdieu (2009) o simbólico explica tal questão, uma vez que conferimos naturalidade à ordem social, e tratamos os elementos de **distinção** investidos em símbolos e signos, de igual modo.

Para Silva (2011) o nosso movimento por entre instituições várias como cita Bourdieu (2009), assume um peso de maior ou menor autoridade a depender do significado posto pelas condições sociais e como a elas, reagimos. Compreende-se que “as identidades são diversas e cambiantes, tanto nos contextos sociais nos quais elas são vividas quanto nos sistemas simbólicos por meio dos quais damos sentido a nossas próprias posições” (SILVA, 2011, p. 34).

Ou seja, as práticas podem empreender relações que contradizem determinadas lógicas. Segundo Certeau (1994, p.38) “cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais”.

O autor reflete a arte de fazer pelo uso de táticas e possibilidades de movimento perante o instituído, reconhecendo manobras dos agentes sociais em prol de um fim e que são geradas dentro de um campo de possibilidades. Para Certeau (1994) não se trata de eliminar diferenças, mas de reconhecer a força empreendida na ação do fraco.

O fraco seria, o sujeito que destituído de força e/ou poder procura meios de articular-se, sobreviver e agir, mesmo em condições pouco favoráveis. Sua astúcia em reconhecer a legitimidade da regra e entender o simbolismo das determinações caminha, em conjunto, com a sua forma de se colocar perante a regra e atuar.

Ao investigar trajetórias escolares nos meios populares, Zago (2006) reflete percursos escolares de sucesso em famílias pouco privilegiadas social e financeiramente e realiza considerações sobre a lógica desencadeada pelas famílias (pais e filhos) empreendendo êxito escolar dos filhos.

Temos sinais para a diversidade que podemos encontrar mesmo que os atores envolvidos frequentem o mesmo ambiente acadêmico, ainda que tenham a mesma opção de curso. A vivência juvenil não pode ser igual para os sujeitos, assim como a própria condição estudante-trabalhador não deve ser a mesma para todos.

As análises juvenis quanto às suas performances cotidianas com base na vivência acadêmica, das possíveis intercorrências que essa apresenta, de como percebem o próprio circuito e percurso juvenil em suas experiências de trabalho, o seu olhar para o mundo social a partir de marcas de uma realidade familiar, acadêmica e laboral, e de, como esse três “universos” conversam nos seus discursos, são pistas para nos aproximarmos da construção social de sua condição (SPÓSITO, 2002, p.45).

São os indivíduos, através de seus relatos, que nos permitem a reconstrução dos conteúdos de vida, ao considerarem-na do presente, revisitando-a, filtrando-a por diversas categorias, desenvolvendo uma lógica narrativa que procura dotar de sentido o que se conta (PAIS, 2003, p.87).

A voz dos sujeitos consiste no principal veículo de diálogo e estabelecimento de entendimento das vivências.

CRÔNICAS DE UM IMAGINÁRIO SOCIAL: POSSIBILIDADES DE LEITURA

Neste capítulo realizamos possibilidades de leitura de “histórias de vida acadêmica¹” dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

SUJEITOS DA PESQUISA
1. CLÁUDIA
2. LAURA
3. BÁRBARA
4. JOANA
5. PAULA

Enredos da jovem Cláudia

Cláudia é uma jovem de 20 anos, natural da cidade de Lagarto\SE, oriunda de escola pública, filha de mãe com ensino médio completo - dona de casa e pai com ensino fundamental incompleto, trabalhador rural. Da família, constituída por três irmãos, a jovem é a primeira a ingressar em uma universidade, conquista realizada logo na primeira tentativa, aos dezessete anos.

¹ O termo aparece entre aspas porque não se tratam de histórias de vida propriamente ditas, mas de flashes ou trechos de vidas, descrição de experiências.

Tabela 1 - Dados da entrevistada

PERFIL \ CLÁUDIA	
Idade	20 anos
Instituição Escolar	Escola Pública (Ensino Fundamental e Médio)
Pai	Trabalhador Rural\Lavrador – Ensino Fundamental incompleto.
Mãe	Dona de casa\Ensino Médio Completo.
Irmãos	21 e 22 anos

Fonte: Elaborada com base nas informações cedidas pela entrevistada.

Como se constrói um desejo

Para ingresso na universidade, Cláudia realizou o antigo processo seletivo seriado (PSS), em 2011. À época a seleção dava-se em três anos, sendo que cada um correspondia à série cursada no ensino médio, o que permitia ao proponente acompanhar suas chances de ingresso ao ensino superior pela obtenção de resultados obtidos a cada ano.

Sua trajetória escolar deu-se quase inteiramente na mesma instituição. “A questão era que já era uma rotina que todo mundo da primeira série até o terceiro ano [Ensino Médio], estudar num colégio só, nunca mudar (...)”. Aí, como eu queria fazer o vestibular e passar na federal minha mãe me inscreveu num colégio que era um dos colégios referência de Lagarto\SE.

Ao pensar o Ensino Médio reclama carência de professores, fragilidade na formação em determinadas disciplinas o que em conformidade com a mãe conduziu à escolha por outra escola, estratégia de que lançam mão para aumentarem as chances de sucesso no vestibular.

Ao analisar o comportamento de famílias de camadas populares Zago (2006) considera que muitos não realizam propriamente escolhas quanto ao curso, o que acontece segundo a autora é “uma adaptação, um ajuste às condições que o candidato

julga condizentes com sua realidade e que representam menor risco de exclusão” (p.10.).

Cláudia, ao pleitear o curso:

Não foi coisa de outro mundo escolher [o curso]. Na verdade queria fazer direito, só que eu ia passar três anos estudando, fazendo vestibular e eu iria perder e esperar a chance de ser (...). Uma segunda chamada, não.

Porque eu não sei se minha pontuação iria dar para passar logo.

Fui meio maluquinha, eu fui na cara e na coragem.

Ao saber as notas obtidas, Cláudia calculou da seguinte maneira:

Eu iria passar três anos estudando, fazendo vestibular e eu iria perder e esperar a chance de (...) de uma segunda chamada, não. Porque eu não sei se pontuação iria dar para passar logo. Aí, eu vou fazer primeiro uma coisa que eu me mantenha, uma estabilidade, e depois eu busco minhas coisas, minha vontade, que é sempre fazer direito.

A escolha perpassa por uma base de cálculo simples e sua aposta sugere que a opção requerida, representava, naquele momento, uma alternativa mais promissora de sucesso, a entrada na universidade. Representativamente o ingresso no ensino superior sugere a perspectiva primeira de sucesso.

Conforme nos diz:

Quando eu me formar em Pedagogia, se eu não continuar no mestrado, pretendo (...). Eu entro para direito.

O curso de Pedagogia é como canal para que alcance seu objetivo maior, pensando a possibilidade de que termine o curso, obtenha chances de empregabilidade, segurança financeira e possa seguir rumo à outra atividade. Conforme Certeau (1994) o sujeito lança mão de recursos que julga criar condições de atuação, de movimento. Sua

“arte de fazer”, de se colocar perante as situações, suas performances cotidianas na tentativa de engendrar novas possibilidades de atuação e circulação social.

E pensando o campo de possibilidades em torno do qual giram as expectativas de Cláudia, estudar no período noturno é uma variável importante a considerar ao pensarmos nas chances de dedicação a outra(s) atividade(s), e não necessariamente relacionadas ao curso.

Ao pensarmos dificuldades de ordem financeira impõem ao exercício de uma ocupação remunerada, uma vez que sua avó deixara de prover os seus estudos, conforme narra:

Minha avó veio a falecer e aí eu passei a ter dificuldades para tirar xérox toda semana, todo dia, aí me inscrevi no programa bolsa trabalho e achei que não iria ser chamada, mas fui e agora estou trabalhando.

A bolsa trabalho me ajudou a continuar. Pelo menos assim pela bolsa eu estou terminando, estou cursando agora o quinto período por que eu estou trabalhando.

Exerce atividades que gera uma renda e contribui para a permanência no curso, além disso, a flexibilidade e o uso de horários vagos em torno das atividades ligadas ao trabalho permitem a apropriação do tempo livre para estudos. Para Cláudia:

Não interfere muito no meu estudo porque se não tem nada para eu fazer lá no gabinete eu posso estudar a qualquer momento.

Eu não tinha acesso à internet e lá a qualquer momento que eu queira fazer uma pesquisa tem computador, tenho tudo disponível para imprimir algumas coisas.

O que para um jovem acadêmico constitui em um retorno positivo, principalmente ao considerarmos que a simples posse de um computador e ter acesso à internet, elementos básicos, são instrumentais importantes para a trajetória na universidade. “É certo que os jovens também *prescrevem* regras organizadoras dos lances ou jogadas, mas são as diferentes ocasiões de jogo que justificam distintos actos performativos, os chamados golpes de jogo” (PAIS, 2003, p.24).

Nesse caso, Cláudia faz jus de uma atividade remunerada que além de flexível possibilita uma renda, logo, a combinação trabalho-estudo alimenta uma a outra. Para Velho (2006), “a interação vista como processo social básico dá aos atores que interagem um papel de, não apenas agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social” (p.50). O que, por outro lado, não nos conduz esquecer a complexidade da dimensão social, contudo o movimento do sujeito, contribui no sentido de pensar a sua continuidade no curso.

Para Coulon (2008) “Esta estratégia, que dissimula a ausência de uma perspectiva determinada de forma clara, é a que adotam os filhos das classes dominadas pouco informados... Não existe nessa estratégia escolha racional, estratégia de carreira ou projeto de percurso social” (p.165). Analisemos como a jovem Cláudia arquiteta seus planos vindouros.

O lugar do curso

“O compartilhamento do sentido de mundo, por parte dos diversos indivíduos indiferenciados, ocorre a partir da ocupação que cada um exerce na sua cotidianidade”. (ARAÚJO, 2006, p.60). Com base no que nos diz Araújo, pensemos o(s) sentido(s) do curso para Cláudia.

É assim um ótimo curso, tem disciplinas que a gente não encontra (...) pegando a grade curricular de outras universidades, tem várias disciplinas que nós temos que numa universidade particular não tem.

Para Cláudia, o tempo de duração do curso aparece como ponto importante ao pensar a formação, suas considerações sinalizam ao exercício da função, a execução de tarefas que regem o desenrolar do cotidiano do professor e sobre isso, diz:

Porque o curso não vai dizer que você tem que chegar e escrever isso e isso, ele prepara você para várias situações, para você prestar atenção realmente no seu aluno.

A acadêmica assume um discurso muito aproximado ao que defendem algumas correntes da pedagogia segundo as quais o professor deve assumir um olhar sensível à

realidade do aluno, atenção às suas referências como parte integrante à alçada do exercício laboral. E continua ao discorrer sobre as disciplinas que constituem o curso:

Tem disciplinas que não vão focar muito nisso, na aprendizagem, no desenvolvimento do aluno, mas tem disciplinas específicas. Para isso que nós vamos aprender qual é a faixa etária, de quando vamos lidar com aquilo? Se nós nos dedicarmos em aprender isso para colocar em prática, será mais fácil.

Pensando no processo de afiliação do estudante universitário de que trata Coulon (2008), reconhecemos uma *linguagem comum* própria do curso de pedagogia, pela assimilação de um discurso. Para o autor, quando temos a decorrência de tal aspecto desvelamos um dos *códigos intelectuais*, nesse caso específico, a posse do discurso.

Agrega igual importância à postura dos professores:

Os professores, as propostas (...) fazem com que a gente compreenda. (...) As propostas, as ideias que eles lançam. Eles não se atêm a ementa, eles procuram outros livros para dar mais conhecimento (...). A questão é que eles não se prendem só ao currículo, a ementa mesmo. Eles [os professores] leiam tal artigo, é bom, assistiam a tal vídeo (...). Você vai adquirindo aquele senso crítico. Você começando a pegar as ideias, a absorver.

Essa maneira de a estudante compreender a postura de lidar dos professores e de como compreende a lógica professoral de estímulo a buscas e achados no sentido de reflexões acadêmicas, próprias de igual modo a um discurso que engendra a lógica acadêmica, pontua a tônica sugerida por Coulon (2008): “aprender o ofício do estudante consiste em aprender os inúmeros códigos que balizam a vida intelectual” (p.41). Principalmente quando se pensa o futuro e o prolongamento de uma carreira que nasce na graduação. Significa pensar o início a construção de um *habitus*, incorporar práticas, dedicar-se a fim de tornar-se um estudante profissional. Para Cláudia:

Quero me inserir em um grupo de pesquisa. Se tiver como ser bolsista para mim vai ser até melhor, vou receber a mesma

coisa [se comparado ao que recebe no bolsa-trabalho], eu vou ganhar para estudar e eu posso dobrar meu tempo aqui na universidade, eu já dobro trabalhando, então eu queria dobrar estudando.

A jovem faz uma apreciação a considerar o emprego do tempo para estudante universitário. Na sua atual ocupação com a bolsa-trabalho permite, como disse, dispor de instrumentais fundamentais na carreira de estudante. Todavia, a possibilidade de otimizar a sua condição a faz conjecturar novas vivências.

Parece entender como se orquestram as possibilidades de ampliação de ofertas em sua experiência acadêmica e segue a compreensão:

Até porque teria o grupo de pesquisa, tenho que focalizar naquilo, focalizar naquilo e eu poderia também pegar algumas disciplinas optativa, eletiva, participar de congressos (...) dessas coisas que eu quero mesmo.

O estudante precisa realizar cálculos básicos tanto para a sobrevivência no curso e de investidas que realiza, a pensar: “Compreender e respeitar as regras (...) seguir as regras-mestras do currículo e adaptar suas escolhas em função de uma estratégia, das pretensões que tem em relação ao futuro” (COULON, 2008, p.232). De acordo com Velho (2006): “A interação vista como processo social básico dá aos atores que interagem um papel de, não apenas agentes de reprodução, mas de reinventores da vida social” (p.50).

O autor nos alerta para a complexidade que gerencia o movimento social e o sujeito nele mergulhado, toda vida privilegia-se o desembaraço do sujeito, sua forma de encarar e movimentar-se nesse todo social. Pensemos os planos de ação de Cláudia, como trabalho - formação e projetos de futuro mapeiam-se em suas ideias. Ao tratar sobre identidades contemporâneas Araújo (2006) interpreta:

Produzir significados sem reconhecê-los como seus faz com que o sujeito se desprenda de si mesmo. No entanto, se desprender de si mesmo, na realidade, é se desprender do lugar original onde são produzidas as formas significativas do desejo. Desta maneira, o que está em jogo é a tarefa de reencontrar o lugar original da produção significativa dos desejos (p.29).

Conjecturamos então, o desejo alimentado no seio familiar de construção de uma história individual distinta de seus pares:

Meu pai ele pensa assim: nunca tive estudo, não tive um grande estudo, mas o que eu quero para os meus filhos é diferente. Sonho em ver os meus filhos formados.

E continua, ao tratar sobre o pai:

A gente tem que criar o filho para o mundo, não é para gente. Então, estude bem! Aproveite o período que você está na universidade.

Falas que sugerem encorajamento ao sujeito no sentido de apostar e seguir vencendo barreiras que “limites” sociais podem desencorajar. Por outro lado, é conveniente que esse mesmo sujeito espelha contradições, como percebemos ao tratarmos sobre o trabalho.

O lugar do trabalho

Ao tratar do tempo de duração da bolsa-trabalho:

Às vezes eu penso em largar a bolsa (...) trabalhar mesmo oito horas diárias. Eu espero trabalhar de carteira assinada e tudo antes de minha bolsa terminar. Eu não sei se eu prorrogo, não sei se eu prorrogo (...). Porque é bom você está trabalhando é porque você pode usar muito bem o dinheiro.

Pela narrativa de Cláudia a renda proporcionada pela bolsa-trabalho assume papel importante na transição pela universidade. Logo, ainda que propósitos outros sejam cultivados ter um recurso contribui na longevidade do curso. Como nos diz Pais (2003): “Os jovens são chamados a exercitar dilemas, a enfrentar encruzilhadas e a ultrapassar obstáculos que poderão experimentar, na vida real, quando transitam para a vida adulta” (p.23). Cláudia continua:

Se fosse um estágio queria. Agora também a depender do que aparecer eu vou analisar para ver o que é. Bom ou não. Agora se eu for trabalhar oito horas (...). Então, vai assim realmente ter interferência no meu estudo.

Em contrapartida, adormece a possibilidade de comungar demais planos como “participar livre de eventos”, “encontros”, “seminários”, como também planeja. Da combinação de escolhas, constrói-se processualmente um perfil. Argumenta Coulon (2008):

A definição de uma situação leva em consideração a ordem social mobilizada na ação presente e, ao mesmo tempo, a história pessoal de cada indivíduo. Ela é sempre o resultado de um conflito entre a definição social que nos é fornecida pela sociedade e nossa definição “espontânea” da situação considerada (p.107).

Para Dubar (2005), “A transação objetiva entre os indivíduos e as instituições é essencialmente a que se organiza em torno do reconhecimento ou do não-reconhecimento das competências, dos saberes e das imagens de si, que constituem os núcleos das identidades reivindicadas” (p.155). Dialogando com as apreciações de Coulon (2008) ao refletir que além de dominar os códigos subjacentes ao ambiente acadêmico, é preciso mostrar a posse de tais códigos e as relações que se estabelecem, o trânsito nesse percurso, visto que a universidade constitui-se num espaço de “legitimação de saberes e competências associados às identidades” (p.155).

O que inclui a superação de limitações e o realizar de uma *nova aprendizagem* dirigida para a realização do *trabalho universitário*. A título de exemplo, ao tratar sobre dificuldades enfrentadas no desenrolar do curso: “O professor disse que ele não é papagaio de escritor, mas ele nunca avalia o que digamos assim (...) o que o aluno aprendeu com o texto, ele quer que a pessoa transcreva tudo que está no texto, sem tirar nem por”. Como sugere Coulon (2008):

A aprendizagem do trabalho intelectual apresenta, pelo menos, duas etapas distintas. Se o estudante debutante está inicialmente submetido à palavra pública universitária, que lhe provoca o desejo de conformar-se a ela, é imperioso que ele, no tempo certo, libere-se dessa submissão para navegar

com facilidade na organização, exposição e utilização adequada dos saberes (p. 239).

É preciso aprender a jogar o jogo, sobreviver.

Pensando o futuro

Consideremos o que diz Gilberto Velho (2006): “O fato é que a participação no mundo do trabalho, a profissionalização, está associada a determinadas crenças sobre mérito, esforço, disciplina, responsabilidade e, por que não, sucesso e poder (p.44)”. Logo, analisemos a compreensão de Cláudia a respeito de seus rumos à profissionalização e\ou formação.

Penso daqui a dois anos e meio quando eu me formar em Pedagogia se eu não continuar mestrado eu entro para direito.

Em outro momento da entrevista:

Direito, ele só, é um curso até (...). Eu pegaria ele pela tarde em uma universidade particular ou transferiria o meu tarde, o meu, aqui. Deixaria de trabalhar e faria isso. Agora, eu só queria só ingressar em direito depois que me formasse porque exige muito custo. Aí depois que eu me formasse e começasse a trabalhar, aí é muita coisa né?

Trabalhar, estudar, não sei. Vou ver, vou ver o que eu faço ainda estou indecisa com relação a isso, se presto vestibular ou se eu espero para fazer uma pós-graduação. Não quero ficar na graduação, não!

Convidemos Pais (2003), para tal compreensão:

Neste cenário, é impensável traçar em desenvolvimento contínuo ou linear de vida. Os seus episódios encontram-se, naturalmente, encadeados; uns acontecem antes e outros depois, mas a vida em toda a sua plenitude é uma coleção incompleta de narrativas. Interpretar um relato de vida não é dar-lhe um sentido de linearidade mais ou menos

fundamentado, mas apreciar a pluralidade de que a vida é feita (p.86).

As descrições de experiências traçadas e/ou vivenciadas são exemplos da diversidade que há nos sujeitos que cercados por circunstâncias múltiplas e quiçá oportunidades pensa, reflete, constrói e delinea rumos possíveis.

Enredos da jovem Laura

Laura é uma jovem de 26 anos, natural de Aracaju\SE, oriunda de escola pública e particular, filha de mãe com ensino médio completo - auxiliar administrativo e pai com ensino médio completo, autônomo.

Tabela 2 - Dados da Entrevistada

LAURA	
Idade	26 anos
Instituição Escolar	Ensino Fundamental: Escola particular Ensino Médio: Escola Pública Estadual
Pai	Ensino Médio completo- Autônomo
Mãe	Ensino Médio completo – Funcionária Pública (Auxiliar administrativo)
Irmãos	Não detalha a respeito, apenas traduz que não reside com os mesmos e são meio irmãos, apenas filhos de seu pai.

Fonte: Elaborada com base nas informações cedidas pela entrevistada.

Quanto ao seu ensino fundamental cursou-o em escola particular e o ensino médio em escola pública estadual. Para ingresso na Universidade Federal de Sergipe realizou três vestibulares mediante os quais “arriscou” três opções distintas de curso: Administração, Engenharia Florestal e Pedagogia. E estas são as combinações arrendadas para realizar suas apostas:

Eu acho que administração porque meu tio trabalhava em uma empresa e ficava dizendo “não, se você quiser, eu acho mais fácil de eu consegui um emprego para você aqui em Capela”.

Engenharia Florestal, eu acho que foi mais um chute. No dia de fazer a matrícula, a inscrição, eu estava mais perdida do que tudo e escolhi.

Pedagogia - Pior que Pedagogia eu sempre ouvi como eu tenho tias quem são formadas em Pedagogia, sempre ouvia “ah, não faça”! “Você vai se desgastar”.

E continua:

No dia que souberam que eu tinha passado [no vestibular] me deram os parabéns, mas depois: “minha filha, você é doida é?” “Faça outro curso, professora para quê”? Eu, pois não vou passar sete anos, igual a minha prima, para fazer medicina.

Então, após duas tentativas e enfrentamento de dois vestibulares e mais um terceiro, o melhor mesmo parecia ser galgar um lugar na universidade, ainda que existissem opiniões contrárias, e em um curso que poucos encorajavam.

Ao iniciar o curso e sua nova condição como estudante não foi assim muito fácil tendo em vista problemas de adaptação relacionados aos jargões da academia, exigências inerentes ao curso, atendimento às demandas referentes às disciplinas.

Para corroborar sua tese quanto à defesa pelo curso e suas atribuições, Laura argumenta:

Pegue metade dos teóricos que a gente estuda.

Até no último período a gente tem seis disciplinas, quatro ou seis disciplinas. É fácil? Tem gente que já está no último período, ainda tem estágio e TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) para fazer.

A universidade

Para a família de Laura que tem nessa filha e em mais dois outros membros a inauguração de uma fase extensiva quanto à escolaridade, a universidade desponta como espaço a ser garantido e nesse caso, se aposta no que parece provavelmente realizável.

Na verdade para ela [mãe] não importava tanto o curso que eu escolhesse. Ela tinha o sonho de me ver entrando na universidade.

Os primeiros tempos na graduação

Foi importante porque a gente já está acostumada com a escola com tudo já ser mais resumido e assim, a linguagem dos textos era diferente e a gente é que tinha que buscar entender. Às vezes quando a gente chegava à aula o professor perguntava: “E, aí, qual a dúvida”? Muitas vezes numa escola já chega a sala [de aula] explicando tudo e aqui não, fazem: “Tem alguma dúvida do texto”? “Qual é a dúvida de vocês”?

Para Alain Coulon (2008), “Entre o modelo universitário, sua língua, sua gramática, suas referências bibliográficas e a realidade das operações concretas dos estudantes do primeiro ano, existe um espaço infinito” (p.239). O que constitui uma *fase de aprendizagem* começar pelo ingresso no ensino superior, descobrir o curso, reconhecer as regras acadêmicas, elaborar um currículo e aos poucos ir assumindo status de estudante e tornar-se um profissional nos estudos.

Em sua trajetória acadêmica Laura perdeu duas disciplinas. Logo no início do curso uma delas ficou para trás e a maneira para lidar com isso, foi começar a estudar também à noite para cursar novamente essas disciplinas e participar das aulas de igual modo, não era tão simples:

No começo foi muito difícil (...). Sempre fui muito tímida para falar na frente, mas ainda não consigo falar, dar minha opinião.

Laura está no oitavo período e familiarizar-se com essa demanda de participação em um curso de formação de professor não parece ser algo fácil.

Ao pensar o curso

Quando eu falo que o pessoal diz que é mais fácil, inicialmente eu até achei que seria muito mais relax. Mas, quando você começa os trabalhos das disciplinas, tem que estudar um bocado de coisa, você vê que não é tão fácil assim não. Ah, Pedagogia é fácil. Pode até ser fácil para entrar, mas sair, não sei se é não.

E então novamente pensemos a Pedagogia na vida de Laura. A jovem pertence a um universo social em que o histórico no ensino superior é recente, são dela os primeiros passos a experiência acadêmica, o que agrega valor significativo à mãe:

Na verdade para ela [a mãe] não importava tanto o curso que eu escolhesse. Ela tinha o sonho de me ver entrando na universidade até ouvia parentes dizendo: “Por que você não paga uma particular”? Apesar de ser só eu e ela o dinheiro não daria para ela pagar, mesmo o curso de pedagogia que era o mais barato, ficaria muito apertado.

Essas falas revelam possíveis combinações, condições objetivas e significações que orientam uma escolha e mesmo que as perspectivas em torno da formação desagradem, parece valer a pena continuar e seguir.

A gente tem que se manter, também não vou jogar meu curso fora. Passar quatro anos (...) se tiver um concurso, faço. Se passar, beleza, senão vou tentar, vou fazer outros e outros.

Se por acaso, por algum destino, parar em sala de aula, beleza. Mas, eu realmente prefiro a parte de coordenação.

E então, pensar o curso

Realmente professor não é valorizado, mas se eu puder defender a Pedagogia com unhas e dentes, porque só a gente sabe o que a gente passa aqui.

Talvez seja mais a ideia de pertencimento que gere essa lógica compreensiva porque mesmo embora haja certo dissabor quanto à própria formação na condição professor, há por outro lado, uma defesa por ser também do grupo, tornar-se pedagogo. Compreendamos o que diz:

Alguns professores chegaram para a gente e disseram: “O curso (...) forma para a sala de aula, é especificamente para a sala de aula”. Mas a Pedagogia tem tantas outras áreas.

Ao refletir sobre a formação de professores Araújo (2008):

Formar professores exige o estabelecimento da relação entre a formação inicial e a permanente, requisito importante para a superação da dicotomia teoria-prática, do mesmo modo, exige que a formação tenha como ponto de partida a prática docente, estabelecendo processos contínuos de reflexão-ação-reflexão (p.16).

Percebemos o desencontro de perspectivas, o choque de interesses que perpetraram o que é ofertado e o que se espera. A atuação como docente não contempla o horizonte profissional de Laura, prontamente encontrar outras possíveis vias de ocupação mediante a titulação acadêmica norteiam sua paisagem profissional. Com a palavra:

Só o professor sabe o que passa em sala de aula.

Por outro lado:

Que vá mais para o campo. Quase dois anos só lendo, lendo depois é que começa a ir para os estágios. Por que é só ficar lendo, lendo, lendo. Poxa, tem tanta coisa que poderia ser mais na área, por mais a mão na massa, acho que falta um pouco disso.

E ao refletir a formação do professor, Araújo (2008): “A formação de professores historicamente tem discutido e buscado meios de conferir ao professor uma formação profissional integrada, capaz de responder às exigências e necessidades da sociedade” (p.16).

Logo, mais que a formação diretamente relacionada ao exercício profissional de futuros professores, a proposta curricular do curso de Pedagogia fomenta a percepção do ambiente escolar como laboratório, campo de atuação do qual se extrai problematizações e a partir dessa tônica se constitui o profissional. Ao mesmo tempo, acaba se configurando numa formação ampliada, uma vez que propõe olhar para a sociedade, problematizando as questões que apresenta e tais considerações não mapeiam seu entendimento sobre o curso de Pedagogia.

No tocante a experiência de estágio curricular

Porque a minha experiência no ensino fundamental, eu saí louca. Os meninos não me ouvem (...). A professora simplesmente me largava na sala e se vire! Eu pedia que os meninos me respeitassem e eles não me respeitavam. Não faziam silêncio.

Eu acho que foram os dez dias [estágio] mais estressantes da minha vida.

Refletindo a fala de Laura cabe pensar a oportunidade ampliada para melhor compreender seu próprio caminho no ambiente acadêmico e principalmente ao discutirmos formação pelos *campos de atuação* do estudante no envolvimento com as atividades de pesquisa, monitoria, programas de formação desenvolvidos para além da sala de aula e como esses podem apontar lógicas compreensivas mais amadurecidas pelo ser\estar estudante.

Em contrapartida, é bem oportuno salientar o caminho de aprendizagem que vai sendo construído na figura do futuro professor, na sua percepção sobre a realidade e de encarar possivelmente tal condição. Vejamos o que Laura aponta ao pensar o futuro:

Se por acaso, por algum destino, parar em sala de aula, beleza. Mas, eu realmente ainda prefiro a parte de coordenação.

Concurso público

Faria. A gente tem que se manter. Também não vou jogar meu curso fora. Passar quatro anos, se tiver concurso público, faço!

Abraçar as oportunidades se desenha como principal recurso, ainda que não seja exatamente o que almeja. Sendo assim, o trabalho vai assumindo seu lugar de importância e as experiências de natureza acadêmica e o movimento no curso serem balizados nas fronteiras da sala de aula.

Porque é aquela correria, eu vou direto de manhã para o estágio e já venho direto para a UFS. Quando tem disciplina à noite tenho que ficar direto.

Até me interessei (...). Monitoria, PIBIC (Programa de Iniciação Científica), mas como eu achava muito cansativo, venho do estágio para a universidade. Você tem receio de trocar o estágio.

O sujeito perpetra suas escolhas e desenrola seu universo de possibilidades a partir de uma visão, de modo a pensar o seu lugar no mundo, suas tentativas e delinea uma estrada, com contornos outros que possa assumir em experiências múltiplas que possa viver. Não se trata de encarcerá-lo, apenas procurar entender, por ora, seu movimento.

Perspectivas

Aí terminando agora o curso acho que a Pedagogia tem a questão de eu ir logo para a conclusão para eu estabilizar financeiramente para quem sabe fazer aquele sonho que tinha quando era nova: quero fazer direito!

Para Coulon (2008):

Um indivíduo age em função do ambiente que ele percebe, da situação que deve enfrentar, mas ele define igualmente cada situação de sua vida social a partir de suas atitudes e crenças anteriores que lhe permitem interpretar e dar sentido ao seu ambiente. Assim, a definição de uma situação leva em consideração a ordem social mobilizada na ação presente e, ao

mesmo tempo a história pessoal de cada indivíduo. Ela é sempre o resultado de um conflito entre a definição social que nos é fornecida pela sociedade e nossa definição “espontânea” da situação considerada (p.107).

Tabela 3 - Dados da Entrevistada

BÁRBARA	
Idade	20 anos
Instituição Escolar	Escola Pública (Ensinos Fundamental e Médio)
Pai	Ensino Fundamental
Mãe	Ensino Médio
Irmã	Ensino Superior

Fonte: Elaborada com base nas informações cedidas pela entrevistada

A estudante Bárbara tem 20 anos vive a primeira experiência profissional. Há pouco menos de um ano atua como estagiária em instituição escolar, como auxiliar de uma professora. Isso significa participar de propostas de trabalho, de atividades aplicadas em sala de aula, numa carga horária de quatro horas diárias.

Participa da dinâmica escolar e aprende na lógica de funcionamento daquele ambiente, a lidar com as situações próprias do meio e a colocar em exercício o que aprende na graduação. *“O tempo todo eu reflito sobre o que aprendo aqui, como posso colocar em prática esse feedback entre universidade e prática”*.

Experiência de Estágio

A experiência de estágio extracurricular ou não obrigatório é significativa, pois permite, de acordo com a estudante, refletir sobre as propostas do curso de Pedagogia, no campo da experiência. Possibilita, desde já, o agregar de elementos formativos que a qualificam como futuro profissional: *“Eu acho que vou ser melhor profissional por ter passado por um estágio antes de sair de sala de aula”*.

A grade curricular de Pedagogia oferta aos matriculados no curso, quatro estágios de cunho obrigatório. Como está no 7º período e tem acompanhamento regular

das disciplinas, vive a experiência do estágio III e percebe que a vivência do estágio extracurricular reflete no estágio obrigatório (curricular).

O estágio, mais que trabalho, é elemento formativo, já que desenvolve atividades ligadas ao desenvolvimento profissional:

O ideal é que a gente estudasse e se a universidade pudesse unir mais teoria e prática dentro do curso seria fantástico porque acaba que fica muito dissociado (...) você fazer quatro estágios no final do curso. Acho que o estágio deveria ser desde que a gente entra. Mesmo que não fosse em sala de aula. Mas, tivesse contato com a escola.

O curso

Destaca-se o seu envolvimento com atividades acadêmicas além das obrigatórias. Foi bolsista por um ano no PIBIC (Programa de Bolsas de Iniciação Científica) o que permitiu os primeiros contatos com o universo da pesquisa, e os primeiros passos no processo de formação acadêmica.

A maneira como o sujeito conduz o percurso na universidade, manifesta-se através de uma lógica de passagem ao ensino superior, segundo a qual ocorra manifestação de uma nova cultura “*mais complexa, mais sofisticada, tão mais difícil de decodificar e adquirir na medida em que ela é mais simbólica*” (p.42). O que significa à medida que cresce o tempo de permanência na universidade e no curso produz a condição de membro- aquele que domina os códigos do grupo do qual faz parte e como tal, pertence ao ambiente e manifesta os jargões, caminhos de busca e compreensão de regras que regem a trajetória acadêmica.

Questionada quanto às exigências da graduação, traduz:

Acho que às vezes eu poderia dar mais de mim. Sobre as leituras, eu precisava ler mais. Ir além do que o professor pede. E às vezes acontece que nem dá tempo de ler o que o professor pede quanto mais ir à biblioteca e pegar coisas a mais (...). É a formação base, inicial e eu queria muito fazer bem e isso não depende só do professor, não depende só da instituição. Depende da gente, de como a gente vai se posicionar no curso.

Como sugere Coulon (1998) “analisar uma situação para de considerar que as regras regem as ações (...) às interpretações ordinárias dos atores que devem, em primeiro lugar, resolver problemas de compreensão e de como colocar as regras em

prática” (p 98). No caso da jovem Bárbara o seu discurso sugere a “produção” de uma realidade acadêmica fabricada por ela mesma, uma vez que há o instituído, bem como, a própria forma de conduzir-se diante da regra.

Experiência Acadêmica

A aprovação em processo seletivo realizado no Departamento de Educação (DED\UFS) permitiu o exercício da função de monitora em uma das turmas de História nos Anos Iniciais, atividade a qual dedicava doze horas semanais, incluindo o atendimento aos estudantes (para esclarecimento de eventuais dúvidas sobre conteúdos) e o acompanhamento das aulas (assiste à disciplina como se estivesse matriculada).

É uma marca forte em sua fala o desejo de avançar nos estudos e seguir carreira na educação. Sabe que o investimento em formação desde a graduação configura-se como importante passo na construção de um alicerce profissional. A saber, a combinação dos elementos: A experiência PIBIC, a monitoria, o estágio, as sete disciplinas em que está matriculada alimentam o sonho da carreira acadêmica.

As análises de Coulon (2008) permitem melhor compreender as atitudes e posicionamentos da jovem frente ao curso de Pedagogia. A sua disposição na graduação permite entender a sua atuação como “estudante profissional”, alguém que assume o curso como um ofício e que nele investe tendo em vista a construção de uma carreira universitária para além da graduação.

Importante destacar o uso de um discurso bem próximo à fala dos docentes na Academia ao definir o que é ser um bom profissional: *“Um bom profissional é aquele que reflete sobre a sua prática... No caso do professor é refletir sobre a sua prática, o que está fazendo errado, se autoavaliar”*. Aspectos que procura considerar, tendo em vista, as experiências proporcionadas na universidade e que permitem essa análise, atuando como estagiária, em instituição de ensino privada.

Estudo e Trabalho

Estudar e trabalhar não despontam como “peso” para a estudante, coexistem como atividades que precisam ser bem administradas e que exigem a otimização do tempo. Significa movimentar esse tempo dedicando-se à formação e

consequente qualificação. *“Eu consigo fazer as coisas sem atrasar. Tudo divididinho... Então, é aproveitar bem o tempo. Todo tempo é importante.”*

O mercado de trabalho

Em que pesem outros fatores, a título de exemplo, a “independência financeira” gerada pela condição de estagiária. Tal elemento também parece assumir o seu grau de importância, uma vez que, possibilita menor relação de submissão ao ambiente familiar. Assim é que, mesmo com a possibilidade de sua genitora financiar a permanência na universidade, o trabalho é uma escolha calculada, baseada nos possíveis ganhos de experiência profissional e independência.

Ao mesmo tempo, analisando o mercado, considera a importância de continuar o processo de formação, pois conjectura que o nível superior não é um diferencial na vida produtiva e que o mundo contemporâneo exige a busca por qualificação processual e permanente.

Nesse caso, o curso funciona como veículo que proporciona o atendimento às demandas do mercado e simultaneamente, favorece a formação do sujeito. *“A pessoa tem que se sentir estimulada a querer se qualificar cada vez mais”*. Visto desse modo, as experiências proporcionadas pelo ambiente universitário e o próprio campo de atuação (estágio) são considerados elementos formativos.

Tabela 4 - Dados da Entrevistada

JOANA	
Idade	22 anos
Instituição Escolar	Escola Particular
Pai	Ensino Médio
Mãe	Ensino Fundamental
Irmão	Ensino Fundamental (cursando)

Fonte: Elaborada com base nas informações cedidas pela entrevistada

A estudante Joana de 22 anos iniciou a experiência como estagiária no terceiro período do curso de pedagogia. A sua condição oficial era de estagiária, entretanto, assumia, na prática, a efetiva condição de professora titular de uma classe. Isso, numa fase que representa o período em que os estudantes começam a descobrir o curso, a familiarizar-se com a instituição e com disciplinas mais específicas da formação.

Nesse caso em particular, o primeiro contato com o exercício da profissão, isto é, o estágio, parece apontar como condição que está à frente do tempo universitário, já que uma experiência como essa, a rigor, não se enquadra como competência de sujeitos principiantes na graduação, a julgar pelo comentário da jovem:

Eu queria desistir do curso(...). Eu caí de paraquedas numa sala de aula de terceiro ano, como professora. Veio a diretora e disse: - pronto, comece! (rsrs). Fui para a sala assim (...). Nos dois primeiros meses eu pensei em desistir, não queria mais ser professora. Queria sair do estágio, queria sair da UFS. Não queria mais saber de nada.

Experiência de estágio

Embora a vivência de tal condição não seja foco de análise da própria estudante, a sua atenção está direcionada para a insatisfação que a experiência do estágio suscita: ter que atender as expectativas da instituição de trabalho e de saber lidar com a nova condição de “professora” em concordância com aprendizagens decorrentes da (parca) vivência no curso. O fato de inserir-se numa escola atuando como profissional foge de suas apreciações:

Também escola particular tem muita exigência. A diretora em cima também querendo que eu fizesse coisas que eu não queria. E que eu não estava aprendendo aqui. Tipo assim: aqui eu estava aprendendo que a tabuada não é legal (...). Todo dia tinha que: duas vezes duas, duas vezes quatro.

A sua preocupação está dirigida à possibilidade de seguir as aprendizagens das disciplinas e aplicar as propostas de ensino sugeridas pelo curso. Em outra oportunidade de experimento profissional, configurada num segundo momento como estagiária, sua forma de perceber a relação com a sala de aula e ‘viver’ a profissão, parece sofrer mudança.

Na atual fase da graduação, sétimo período, desenvolve trabalho como estagiária, em nova instituição e em condição distinta. Além de encontrar-se num estágio avançado da graduação, no penúltimo semestre do curso, as condições de trabalho são outras, dado que as exigências a cumprir parecem estabelecer correspondência com a condição de estudante em processo de formação.

Nessa segunda experiência de estágio além de o período curricular apresentar maior conformidade com a função, a sua condição é de estagiária que auxilia um profissional. Qualidade que insurge na concepção da estudante, como importante vivência e componente a contribuir positivamente em sua vida acadêmica. Vejamos o que ela nos relata:

Porque assim, o nosso curso não oferece muita prática. É só teoria, teoria, teoria. Até nos estágios você passa pouco tempo (...). Com o estágio que você tem aqui não dá. E se você estagiar em locais que você vai colocar a prática ali (...) tentar conciliar a teoria à prática. Eu acho que é bem melhor (...). Eu acho que deveria ter um equilíbrio entre teoria e prática. Eu acho que se isso formaria melhores professores.

A estudante que estagia parece preocupada em fazer valer na prática os conteúdos vistos durante o curso de pedagogia. Para ela, não fazer uso do que se aprende na Academia (sentido conteudista) não tem sentido, além disso, na experiência de estágio admite testar o que se estuda na universidade.

Outro fator que contribui para a valorização do estágio extracurricular é a possibilidade de autofinanciamento, ao menos acadêmico. Permite liberar os pais de

eventuais gastos com alimentação, vestuário, xérox, transporte. *“Eu acho meio chato ficar pedindo porque eles assim não entendem que tem xérox todos os dias. É chato!”*.

Como apontam Cardoso e Sampaio (1995) e Abramo (2005), a busca por autonomia e acesso a bens de consumo são componentes atrativos para a juventude. O que acontece com Joana, pois mesmo contando com a colaboração dos pais como financiadores do percurso acadêmico, deseja realizar o estágio remunerado como via dupla, pois ao mesmo tempo que contribui para a formação, como analisa a acadêmica, possibilita certa independência financeira familiar.

É importante destacar que o trabalho está em primeiro plano em casos que atividades acadêmicas chocam-se com os horários do estágio. *“Acontece assim: Quando eu vejo o evento eu já procuro o horário. Tarde e noite eu vou. Agora quando é pela manhã eu não vou. Mesmo que eu goste demais do tema eu vejo que já não dá”*. O trabalho desponta como prioridade, uma vez que se sobrepõe a outros interesses da jovem estudante.

A estudante procura evitar saídas nos horários de estágio, e mesmo amparada por algum documento para participar de eventos ocorridos na universidade, na prática, isso não é fácil. Logo, para evitar um mal estar no ambiente de trabalho acaba deixando de lado um direito que lhe é outorgado pelo estatuto do estagiário e que dá primazia aos estudos em detrimento do trabalho.

Na dinâmica do mercado, os direitos se esvaecem. Entendendo essa lógica e valendo-se da hipótese de que dispor de mão de obra não é um problema, a jovem prefere assegurar o seu espaço, respeitando as regras da instituição a que se “vincula”.

Tabela 5 - Dados da Entrevistada

PAULA	
Idade	25 anos
Instituição	Ensino Fundamental (Particular)
Escolar	Ensino Médio (Pública)
Pai	Ensino Médio
Mãe	Ensino Fundamental
Irmãos	Não possui

Fonte: Elaborada com base nas informações cedidas pela entrevistada

A estudante Paula iniciou a graduação em Pedagogia, em faculdade particular de Salvador, como bolsista do PROUNI (Programa Universidade para Todos do Governo Federal). Lá, cursou quatro períodos até conseguir transferência para UFS, em 2010.

As experiências anteriores de trabalho e estudo alicerçaram a escolha pelo curso. A julgar que na fase de ingresso na faculdade, simultaneamente era atendente de telemarketing. E, levando em consideração o seu próprio juízo de valor no tocante às condições objetivas de ingresso no nível superior: Estimava não ter preparo para enfrentar o vestibular.

Ainda sobre o seu trabalho como atendente de telemarketing esboça certo contragosto a respeito da função, considerada por ela como pior posto da empresa. Talvez, essa condição tenha sido o pontapé para escolha do curso; pois ser estudante de pedagogia ou áreas afins proporcionaria a oportunidade de melhorar a posição na empresa, embora a mudança para outro estado, possa ter comprometido os seus planos.

Melhores remunerações. Melhor cargo. Um exemplo era essa empresa que eu trabalhava. Se você fosse estudante, fosse formado, ou estivesse na universidade, você sairia do cargo do telemarketing, atendente que é o pior cargo. Você ficar escutando labuta de cliente todo dia, ninguém merece.

Desenvolve, desde o ano passado, estágio em instituição escolar, porém somam-se insatisfações. O curso vem sendo um peso, um ciclo que deve ser fechado

(concluído), tamanho esforço e tempo destinados a esse fim. Por outro lado, para a jovem não parece justo abandoná-lo após uma longa caminhada. O diploma passa a ser uma recompensa, mesmo que se carregue o peso da insatisfação: *“Eu quero terminar o curso de Pedagogia para, infelizmente, ter o meu título (...). Já para procurar outra coisa”*.

Para a jovem a experiência de estágio funciona como aparato de sustentação no curso pelo estímulo financeiro: *“Fundamental é que eu recebesse um incentivo (rsrs) e eu não precisasse trabalhar em outro local por mais que tenha sido uma área afim”*.

A estudante parece não se encontrar no curso, mas está decidida a terminá-lo, apostando nas oportunidades que o diploma possa gerar no mercado, credibilizando a graduação:

Preciso do estágio. Preciso me formar porque eu já vou para o quinto ano de Pedagogia e tenho a minha vida lá fora também, vida pessoal. Não sei se é isso que está fazendo prejudicar a minha visão do curso de pedagogia. Não sei. Eu não tenho uma visão clara. Eu acredito que atrapalhe; mas, não digo que seja uma coisa essencial (ESTUDANTE C).

O compromisso em atender às obrigações está para além da afinidade com o curso. Nesse viés, busca-se atender às exigências pertinentes a graduação como forma de obter um título e aumentar as oportunidades de competição na vida produtiva conforme observam (GOMES et al., 2006), ainda que o diploma não assevere postos de trabalho, grandes oportunidades laborais e boas remunerações. (POCHMANN, 2004; LARANJEIRA, TEIXEIRA, BOURDON, 2007)

Tabela 6 - Dados da Entrevistada

SANDRA	
Idade	27 anos
Instituição Escolar	Ensino Médio (público)
Pai	Fundamental Incompleto
Mãe	Fundamental Incompleto
Irmãos	Possui três irmãos

Fonte: Elaborada com base nas informações cedidas pela entrevistada

A estudante Sandra é funcionária pública e atua agente de saúde. Com a ressalva de que a sua ligação com o mercado de trabalho dá-se desde o Ensino Médio.

Trabalho e estudo

Na universidade, a relação trabalho e estudo seguiu um curso regular até o quarto período, fase em que os horários de trabalho passam a chocar-se com as atividades da academia, levando a um período de trancamento do curso. *“Eu tive que trancar uma época por conta do trabalho. Eu me arrependi amargamente”*.

Depois de um tempo no mercado de trabalho certas ocupações laborais passam a não mais atender os seus anseios, então realiza concurso público. Nesse ínterim, a retomada à graduação não parece ter sido fácil, uma vez que a sua turma de origem já estava à frente nos períodos.

Houve um desligamento e seguir o curso demandou a criação de novos vínculos e o pertencimento a outra turma. *“Atrapalhou bastante. Eu me chateei porque não era a mesma coisa. Eu tive que me ‘reenturmar’ de novo, começar do zero. Às vezes, tinha trabalho e às vezes precisava faltar e no outro dia não sabia. Não tinha contato nenhum com a turma”*.

Dar continuidade a graduação proporcionou a realização de dois estágios simultâneos nas redes pública e particular. Em um dos estágios, na rede pública era titular da turma, ou seja, atuava como docente. No outro, auxiliava uma profissional.

Experiências essas que abraça com bastante entusiasmo: *“Eu adorei, fui aprendendo as coisas, pegando o “macetizinho”.*

Até que a convocação para o exercício da função de agente de saúde provoca o desligamento com as experiências de estágio: *“Eu tive que sair por queprestei um concurso fiquei excedente. Aí eu ficava sempre ligada para ver se me chamavam. Eu estava cansada de trabalhar em comércio! Trabalhar em comércio! Trabalhar em shopping! Eu queria fazer concurso. Era o meu objetivo”.*

Assumir uma posição estável no mercado significa a tranquilidade financeira a qual almejava visto que mora sozinha e é responsável por seu próprio sustento. Conforme as suas próprias palavras, uma situação provisória até que se estabeleça a oportunidade de atuar na mesma área de formação e com a mesma estabilidade financeira que tem hoje. *“Por enquanto esse negócio de funcionário público agente de saúde não é coisa para mim, não. Não é vida para mim não. Eu quero mudar. Eu não sou do tipo de fazer curso por fazer não. Para ter só um canudinho na estante. Eu quero exercer a minha função”.*

Com base no relato da jovem nota-se algo já observado por Coulon (2008) ao destacar que as experiências individuais, no caso do trabalho, por exemplo, marcam as diferenças na maneira de viver a condição estudantil e essas distinções tendem a influenciar positiva ou negativamente os percursos acadêmicos. O que se confirma pela forma como vem sendo construída a caminhada de Sandra na universidade.

Ponderar sobre o trabalho

Mesmo atuando em área distante da pedagogia é curiosa a sensibilidade da estudante para questões relacionadas ao processo formativo na graduação. Ao fazer referência à importância de contribuir nas discussões em sala de aula e partilhar experiências decorrentes dos estágios, além do valor atribuído ao próprio curso.

Cabe pensar como se vem construindo o seu percurso como estudante. Para tanto não se pode cindir essa análise as atividades de trabalho que exigem uma carga horária “puxada”, tanto que as atividades de acadêmicas limitam-se as atividades de sala de aula e ao cumprimento das obrigatoriedades. *“Eu dou essa importância porque eu dependo do trabalho (...). também eu tento não me cobrar muito nessas outras questões, nesses outros aspectos. Acho que você tem que ter foco em alguma coisa. E acaba deixando as outras de lado. É complicado”.*

Nas outras questões, as quais se refere, inclui-se a maneira como se dedica à vida universitária. A jovem aponta o trabalho como prioridade e a formação fica em segundo plano. As tarefas acadêmicas são cumpridas de acordo com as reais possibilidades e o percurso se desenha no curso das ações.

Chama atenção a possível influência que as diferentes aprendizagens ocorridas no ambiente universitário tocam a acadêmica. O diploma é de grande valia por abrir espaço para novos espaços de atuação, entretanto, de acordo com as suas próprias palavras, a experiência universitária permite muito mais. De maneira a autorizar além de aquisição de competências técnica e profissional, um, desdobramento que se estende a vida do sujeito. *“A maioria das disciplinas que eu peguei a gente leva para a vida (...). Eu acho que tem muita coisa assim que a gente estuda que não é só o assunto específico (...). E isso você vai pegando e fazendo pontes e interligando com a sua vida. Com a sua vivência”*.

CONSIDERAÇÕES

Enveredar no universo de jovens acadêmicas vinculados ao curso de pedagogia conduziu à tentativa de captura das representações assumidas ao pensar o trabalho, o curso, como o sujeito caminha nesse desenrolar de trabalhador-estudante, nas ofertas da universidade capturadas nas lentes de quem a vive seja como ambiente de passagem, como trampolim para novos projetos.

A pesquisa realizada permite elucidar alguns achados referentes a diferenças e semelhanças nos percursos acadêmicos das jovens envolvidas na pesquisa. A própria condição de estudante-trabalhadora-estagiária ou estudante-trabalhadora do serviço público carrega exigências diferenciadas. Não só devido à carga horária que muda de acordo com a função, como também a ligação entre os universos trabalho e estudo não se configura como atividades excludentes na ótica das estagiárias.

Por outro lado, é importante destacar que a sintonia trabalho-estudo não determina que as perspectivas das estudantes estejam correlacionadas ao desejo de atuar na mesma área de formação. Simultaneamente, o exercício da atividade laboral que se desenvolve em paralelo à graduação, pode ser uma alternativa provisória para que se viva a trajetória universitária até que surja a oportunidade de seguir carreira como profissional da educação.

As jovens possuem um perfil similar quando se trata de pensar a origem socioeducacional, são oriundas de famílias que não possuem uma cultura acadêmica, isto é, famílias que não prolongaram a escolaridade e, portanto, muitas vezes, elas se defrontam com uma realidade escolar diferente das gerações anteriores, o que em algumas situações podem gerar situações de tensão familiar.

Analisando as entrevistas observamos que a família pode funcionar tanto como agente mobilizador na trajetória acadêmica das jovens, seja pelo apoio financeiro que eventualmente ofereça, seja por meio do valor simbólico atribuído à escolarização dos filhos.

As famílias podem valorar a escolarização visando aos filhos melhores oportunidades de trabalho e condição de vida. Todavia, esse interesse grosso modo esbarra na tarefa de financiar um processo de escolarização mais longo, caso da graduação. Nesse caso, as considerações dos sujeitos a respeito do próprio percurso acadêmico podem dirigir-se de acordo com as condições objetivas e no movimento que os próprios desenvolvem, tendo em vista, as suas proposições de futuro. Tal qual um

jogo em que o atilamento do jogador é fundamental, uma vez que suas chances de movimento são reduzidas. A ação por ele perpetrada constrói um jogador nato se se quer seguir o curso, concluí-lo e galgar oportunidades outras geradas pela graduação.

Nas falas das estudantes nos aproximamos de um ideário vinculado ao curso de Pedagogia, de como os sujeitos podem ou não vestir uma imagem relacionada ao curso, visto na representação de uma trajetória mais longa, iniciada na graduação e que vislumbra mais adiante o empreender de uma carreira acadêmica, caso da jovem Bárbara, desde a percepção do curso como trampolim a gerar oportunidades variadas, como sugere, Paula.

Encerrando para começar: longe de querer explicar e apresentar generalizações quanto ao curso de Pedagogia, esta pesquisa imiscui no universo de jovens que orientam reflexões sobre um ideário de curso, representação para aquela que o vivem e lógicas compreensivas de juventude-trabalho-educação em que se desenham perspectivas dos sujeitos, ofertas da graduação e relações profissionais.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; LÉON, Oscar D'ávila. In: **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. 2ed. São Paulo: Ação educativa, 2005.

_____. Condição juvenil no Brasil Contemporâneo. In: ABRAMO, Acleno Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação*, nº 5, nº 6, 1997.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; PAIS, José Machado (org). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira Araújo. Desafios da formação de professores para o século XXI: o que deve ser ensinado? O que deve ser aprendido? In: **Desafios da formação de professores para o século XXI**. São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

ARAÚJO, Paulo Roberto M. de. Identidades contemporâneas: criação, educação e política. Porto Alegre, RS: Zouk, 2006.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. **Retomada de um legado intelectual**: Maria Alice Foracchi e a sociologia da juventude. Tempo Social. Revista de Sociologia da USP, v.17, n.2, 2005.

CARDOSO, Ruth C. L.; SAMPAIO, Helena. Estudantes universitários e o trabalho. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_26/rbcs26_03.htm.

BARBOSA, Jorge Luiz; BRANDÃO, André. Jovens de Camadas Populares e Universidade. In: **Conectando saberes**: Jovens de origem popular e o difícil caminho para universidade. Rio de Janeiro: UFF, 2007. p. 09-21.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradução de ALVAREZ, Maria João; SANTOS, Sara Bahia; BAPTISTA, Telmo Mourinho. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRETAS, Silvana Aparecida. Aula Inaugural dos 40 anos do curso de Pedagogia. In: Freitas & Sobral (orgs). **História e memória do curso de Pedagogia da UFS**. São Cristóvão: editora UFS, 2009, p. 17-19.

BRITTO, Luiz Percival Leme et al. **Conhecimento e formação nas IES periféricas perfil do aluno “novo” da educação superior**. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v.13, n.3, p.777-791, nov. 2008.

CAMARANO, Ana Amelia (org). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Sousa Porto. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: editora UNES, 2004.

CATANI, Afrânio Mendes. **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional** (pp.175-214). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: arte de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

COULON, Alain. **A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária**. Trad. Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008, 278p.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p.117-136, jan\jun.2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: Novaes & Vannuchi (orgs). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação** (pp. 180-213). São PAULO: Fundação Perseu Abramo, 2004.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático. 3ª edição. Vozes. Petrópolis, 2004.

GOIS, Maria Lucia de. 2005. **As Políticas Públicas de Educação Profissional do Estado de Sergipe a partir das leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacionais e suas Reformas**, UFS. (Dissertação - Mestrado em Educação).

GUIMARÃES, Nadya Araújo. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o mercado de trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. In: **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo. Reformulação do curso de Pedagogia da UFS segundo as Diretrizes Nacionais Curriculares de Pedagogia/2006. In: Freitas & Sobral (orgs). História e memória do curso de Pedagogia da UFS. São Cristóvão: editora UFS, 2009. p.30-40.

KHOURI, Aun Yara. Uma nova perspectiva de história - a história social. In: Exposição realizada pela professora, no fórum de debates sobre “o uno e múltiplo”, na PUC\SP, em 16 de abril de 1993. Súmula produzida exclusivamente com fins didáticos por Maria Lúcia Martinelli e revista expositora.

KUENZER, Acácia. Exclusão includente e inclusão excludente: **a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho**, 1998.

LARANJEIRA, D. H; TEIXEIRA, Ana M. F; BOURDON, Sylvain. **Juventude, trabalho e educação: os jovens são o futuro do Brasil?** Caderno CRH, Salvador, v. 20, n.49, p.95-105, Jan\Abr. 2007.

LAHIRE, Bernard. Homem plural: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de Metodologia Científica. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINELLI (org.). Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: veras editora, 1999.

MELO, Simone Lopes de; BORGES, Livia de Oliveira. **A transição da universidade ao mercado de trabalho na ótica do jovem**. Psicologia, Ciência e Profissão, 2007, 27 (3), 376-395.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

NORMAN, K. Denzin; YVONNA, S. Lincoln e colaboradores. O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: **teorias e abordagens**. 2ª edição. São Paulo. Artmed editora, 2010.

NOVAES, R. e VANNUVHI P. **Juventude e Sociedade**, ED. Fundação Perseu Abramo, 2004.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. Metodologia da Pesquisa: **abordagem teórico-prática da pesquisa**. Campinas, SP: papiros, 1996.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.

PAIS, José Machado. A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Sociedade**. v. 18, n.3. São Paulo p. 371-381, 2009.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: **jovens, trabalho e futuro**. Porto: Âmbar, 2001.

POCHMANN, Marcio. Juventude em busca de novos caminhos. In: Novaes & Vannuchi (Orgs). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação** (pp. 180-213). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAMPAIO, Helena; CARDOSO, Ruth C. L. Estudantes Universitários e o Trabalho. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 26, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. ver. e. atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença: **a perspectiva dos estudos culturais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SPÓSITO, Marília Pontes. Trajetórias na Constituição de Políticas Públicas de Juventude no Brasil, cap.3, p.57-75. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda Carvalho (Orgs). **Políticas Públicas: Juventude em Pauta**: São Paulo: Cortez: Ação Educativa, 2003.

SPÓSITO, Marília P. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro Paulo (orgs). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

SPÓSITO, Marília P. Transversalidades no estudo sobre os jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.36, n. especial, p.095-106, 2010.

SZAPIRO, A. M; REZENDE, C.M.A. Juventude etapa da vida ou estilo de vida? **Psicologia & Sociedade**, 22 (1), 43-49, 2010.

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria**. Rio de Janeiro, Zahar editores.

VELHO, Gilberto. Subjetividade e sociedade: **uma experiência de geração**. 4. ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2006.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A pesquisa *Juventude Universitária e seus rumos à profissionalização - caminhos que se constroem*, realizada por Hellen Rejane dos Santos Sacramento, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), sob a orientação da Prof^ª. Dra. Veleida Anahí da Silva, da mesma instituição, tem por Objetivo Geral investigar como os jovens se constroem como estudantes e trabalhadores, perspectivas e investimentos pessoais adotados quando se pensa a formação e o mundo do trabalho.

Para a coleta de dados serão utilizados com os jovens universitários: Formulário e Entrevistas que serão gravadas, se houver consentimento dos participantes.

É garantido o total sigilo quanto ao seu nome e eventuais informações confidenciais. Os dados coletados serão analisados e divulgados por meio da dissertação, relatórios, trabalhos e artigos científicos.

Diante disso, eu, _____, C.I _____, aceito participar da pesquisa *Juventude Universitária e seus rumos à profissionalização - Caminhos que se constroem*. A minha aceitação é totalmente livre de qualquer tipo de constrangimento e se dá nas seguintes condições:

1. Pelo presente termo, me disponho a participar seja ao responder o formulário, e conceder entrevista, aplicada pela pesquisadora com vistas a subsidiar o trabalho por ela realizado;
2. Autorizo o uso desses dados para análise e elaboração do estudo de mestrado da pesquisadora;
3. Autorizo a divulgação dessa análise, em periódicos especializados, livros e em congressos científicos, desde que seja mantido o meu anonimato;

4. Possuo, a qualquer tempo, o direito ao acesso de informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para prestar os esclarecimentos que se fizerem necessários;
5. Possuo o direito de retirar-me da pesquisa no momento em que desejar;
6. Possuo a salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade dos dados informados;
7. Declaro haver lido o presente termo e entendido as informações fornecidas pela pesquisadora e sinto-me esclarecido(a) para participar da pesquisa;
8. Tenho conhecimento de que em caso de quaisquer dúvidas sobre a pesquisa, poderei entrar em contato pessoal com a pesquisadora ou, ainda, utilizar o seu e-mail: hrrejane@hotmail.com;
9. Declaro, outrossim, que tenho conhecimento de que, no caso de surgirem problemas, em qualquer época, eu poderei contatar o COEP - Comitê de Ética em Pesquisa, localizado à Rua Claudio Batista, s/n (Santo Antônio), Aracaju-Sergipe.

Por ser verdade, firmo o presente.

Aracaju, ____/____/2013

Nome legível do entrevistado: _____

Assinatura do entrevistado: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

** Este documento possui duas vias, de igual conteúdo e validade, sendo que uma delas é destinada ao sujeito participante da pesquisa, sendo a outra arquivada pela pesquisadora.*

ANEXO B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

FORMULÁRIO

Dados Pessoais	
Entrevistado	
Nome da mãe\Escolaridade	
Nome do pai\Escolaridade	
Endereço	
Idade	

ANEXO C

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA - JOVENS

Bloco 1: Família e Comunidade

- 1) Nome do informante, endereço atual, ano de nascimento, estado civil, lugar de nascimento;
- 2) Antes de iniciar o curso já trabalhava?
- 3) Como é trabalhar e estudar simultaneamente?
- 4) Quais as perspectivas em relação ao curso?
- 5) A escolha do curso está relacionada às oportunidades do mercado de trabalho ou a quê?
- 6) Como é conciliar trabalho e estudo?
- 7) Em quais horários geralmente está na universidade?
- 8) Você acha que deixa de aproveitar coisas na UFS por conta de seu trabalho?
- 9) O trabalho interfere na maneira como conduz a sua formação?
- 10) As perspectivas iniciais em relação ao curso são as mesmas de agora?
- 11) Quantas horas dispensa ao trabalho?
- 12) O que espera da formação?
- 13) O curso tem relação com a atividade que desenvolve no trabalho?
- 14) Está conseguindo passar pelos períodos facilmente? Já perdeu disciplinas?
- 15) Acha que acompanha os conteúdos, consegue conduzir conforme espera o seu curso?
- 16) Caso trabalhe em área diferenciada da formação pensa em mais adiante conciliar formação e área de atuação?

17) Como é sua família? Quantas pessoas? Pais vivos? Você mora com seus pais? Quantos irmãos? Qual a escolaridade de seus pais? Qual o trabalho/ocupação de seus pais?

18) Qual a importância dos estudos em sua família? Seus pais priorizam/priorizavam os seus estudos ou não havia muita atenção com isso?

2. Bloco Temático - 2: Experiência escolar

1) Você poderia contar um pouco sobre suas experiências na escola quando era criança? Gostava de estudar? Disciplinas preferidas? Alguma repetência? O que acha que causou isso? O que havia de bom na escola?

2) E sobre os professores que já teve o que você diria sobre eles? Como eles eram? Como eram as relações com os alunos? As exigências? Algum deles teve um papel mais marcante que outros? Por quê?

1. Bloco Temático: “A formação técnica”

1) Você poderia descrever o seu curso?

2) E os professores? Você acha que a maneira como o ensino acontece prepara você para o mercado de trabalho? Quais são as formas de avaliação? Você acha que elas são importantes para sua formação? Por quê?

3) Há alguma semelhança entre o ambiente universitário e o ambiente da empresa?

4) O que é fundamental no curso para que você seja um bom profissional? O que você mudaria no curso? Por quê?

5) Porque escolheu essa instituição para estudar?

6) Você já trabalhou na área de seu curso? Está trabalhando? Onde? Já trabalhava antes de começar o curso ou isso aconteceu depois do ingresso? Foi fácil arranjar esse trabalho? Como fez para conseguir? Alguém ajudou?

7) O que é ser um bom profissional?

3. Bloco Temático: Outras experiências de formação profissional

1) Se o curso não oferecer uma certificação, um diploma, ainda assim você acha que vale a pena?

4. Bloco Temático: Trabalho

1) Você trabalhava quando era criança? Trabalhava com seus pais ou parentes? O que fazia? Eram muitas horas de trabalho por dia? O que você aprendeu com essa experiência de trabalho? Mesmo trabalhando você frequentava a escola ou o trabalho atrapalhou seus estudos?

2) Você acha importante para o jovem ter um emprego? Por quê?

3) Atualmente existem muitas exigências para conseguir um emprego com carteira assinada? O que as empresas estão exigindo? O que você acha disso?

4) Como você vê a situação do jovem hoje em relação ao emprego, ao trabalho? Quando você conversa com seus amigos e colegas esse assunto é discutido? E a sua família faz algum tipo de comentário?